REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

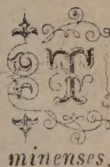
GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL.

IV. TRIMESTRE DE 1862.

A CARIOCA.

MEMORIA HISTORICA E DOCUMENTADA

Pelo Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

> « A fonte, de que bebem os vizinhos da cidade, é um copioso rio, chamado *Carioca*, de puras e crystallinas aguas, que depois de penetrarem os corações de muitas montanhas, se despenhavam por altos riscos, uma legua distante da cidade, onde as iam tomar com algum trabalho; mas aquelle Senado, com magnifica fabrica e liberal despeza trouxe para mais perto aquelle rio, e de proximo o laborioso cuidado do general Ayres de Saldanha d'Albuquerque que n'este tempo com muito acerto governava aquella provincia, o trouxe para junto da cidade com maior grandeza e utilidade. E' fama, acreditada entre os seus naturaes, que esta agua faz vozes suaves nos musicos, e mimosos carões nas damas »
>
> (**Rocha Pitta**.—*Hist. d'Amer. Port.* Liv. II, n. 88.)

Taes são as palavras de que se serve o Tito Livio Brasileiro fallando d'essa famosa fonte cuja notoriedade em todo o Brasil fez-nos dar o appellido, que mais tarde trocamos pela impropria denominação de *fluminenses*.

Composta de duas palavras indigenas — *Cary* e *O'ca* que significam segundo alguns etymologistas — *Casa d'agua corrente*, e segundo outros — *Agua corrente de pedra* — foi pelos portuguezes chamada — *Mãi d'agua*, como se lê nas antigas escripturas de sesmarias das terras circumvizinhas. (*)

(*) *Mons. Pizarro. Mem. Hist. do Rio de Janeiro*, tom. VII, pag. 5 .

Nascia o rio Carioca na serra da Tijuca e depois de haver formado a lagôa do Rodrigo de Freitas fertilizava os vales do Botafogo e das Larangeiras, onde o encontraram os primitivos moradores, e onde iam buscar suas aguas para as necessidades da vida, apesar da distancia de tres quartos de legua em que se achava da cidade (*) Perdendo o seu nome com o encanamento que d'elle fizeram, esquecida quasi que se acha a sua procedencia.

Intuitivo é o incommodo que deveram experimentar os primeiros colonos sendo obrigados a procurarem agua potavel tão longe e por tão máos caminhos. Não devera escap r á perspicacia dos capitães-móres e governadores que desde Salvador Corrêa administraram a nossa terra a urgente necessidade de construir chafarizes dentro da povoação: faltava-lhes porém o indispensavel recurso para semelhante empresa, e arcando com a penuria do seu pauperrimo orçamento não podia tão pouco o senado da camara attender ao reclamo dos seus municipes.

Por varias vezes havia representado o povo contra o abuso praticado por alguns moradores das vizinhanças da Carioca, que roteando as suas terras, deixavam não sómente impuras as aguas, como até in pediam o seu uso. No governo interino de Thomé Corrêa d'Alvarenga em 1658 pediu o povo á camara que comprasse aquellas terras e matas para ficarem perpetuamente livres, não podendo serem aforadas em tempo algum. Não sendo possivel acquiescer á esta supplica pela razão que deixamos apontada, concertou-se todavia nos meios de conduzir a agua da Carioca pela encosta dos morros das Larangeiras, como se deprehende da Car'a Regia de 26 de M io de 16 2, que mandou suspender a cobrança do imposto de 400 réis por cada barril d'aguardente do reino, applicado á essa obra e as do conselho, ordenando a camara a restricta observancia da carta regia de 6 de Maio de 1672, na qual se destinava para o encanamento da Carioca o subsidio pequeno dos vinhos e metade do rendimento das despezas da justiça, na fórma requerida pelo procurador da dita camara. (**)

Da Carta Regia dirigida a Mathias da Cunha (1) em data

(*) *Mons. Pizarro. loco citato.*

(**) Idem, Idem.

de 3 de Junho de 1677 vê-se que o principe regente, que depois foi o Sr D. Pedro II de Portugal, ordenava que se proseguisse na obra encetada segundo o plano escolhido.

Dous annos depois (em 1679) escrevendo o mesmo principe regente a D. Manoel Lobo, governador d'esta praça, determinava-lhe *que não se divertisse para qualquer outro objecto a consignação destinada ás obras da Carioca*, que no seu entender era sufficiente, não obstante a representação da camara de 7 d'Agosto d'esse mesmo anno, em que lhe ponderára quão escassos eram os redditos do subsidio pequeno dos vinhos, attendendo se ás difficuldades inherentes á tal empresa (2).

Revela-nos a Carta Regia de 26 de Maio de 1682 (3) a obstinação da nossa municipalidade em cobrar o referido imposto de 400 réis sobre a aguardente em favor das obras da Carioca, e a formal desapprovação que semelhante medida merecia do governo metropolitano, que recommendava a Duarte Teixeira Chaves, que não permittisse por fórma alguma tal contribuição; por isso que essas obras tinham *consignação certa e abundantissima*. Na mesma data foi reprehendida a camara pelo seu descuido e má applicação das sommas despendidas (4): faltando-nos os precisos dados para verificar até que ponto era merecida semelhante accusação, que todavia não nos parece destituida de fundamento em presença da queixa que o governador do Rio de Janeiro fazia a El-Rei em 30 de Junho de 1633 de estarem parados os trabalhos do encanamento por se haverem distrahido para outros fins as quantias que lhe eram consignadas (5).

Ninguem ignora que, á semelhança dos israelitas no Egypto, eram os nossos indigenas condemnados á erguerem os monumentos que attestassem ás futuras gerações o poder dos conquistadores do seu sólo natal: e é geralmente conhecida a luta travada entre os jesuitas, que se intitulavam de seus *curadores-natos*, e os colonos, a quem convinha tirar o maior partido do serviço d'esses desgraçados. Mais um testemunho d'essa divergencia offerece-nos a carta regia de 13 de Novembro de 1686, escripta a João Furtado de Mendonça, na qual, em solução do que havia representado o senado da camara contra a exigencia do reitor do collegio dos jesuitas de pagar-se aos indios que serviam nas obras da Carioca o jorna

de 80 réis diarios, além do sustento e das costumadas varas de algodão para o seu vestuario, ordenava-lhe que *ajustasse o negocio de sorte que nem os indios trabalhassem sem a justa satisfação, nem os padres da Companhia introduzissem jornaes excessivos, attendendo-se ao costume que sempre se observára nos pagamentos do serviço do gentio que a razão e o tempo foram alterando por ser ao principio muito limitado* (6).

Com os fracos meios de que dispunha fez a camara construir arcos de pedra e cal, que podessem supportar pesados canos de telha, que foram-se collocando pelas encostas dos montes das Larangeiras, do Catete, e do Desterro, com direcção a ermida de N. S. d'Ajuda que então se via no canto da rua, a que hoje se chama dos Barbonos. Lançou mão a camara do unico expediente de tomar dinheiro á juro, o que veio ainda aggravar a triste situação dos seus cofres, com notavel atrazo da obra, cuja conclusão era geralmente reclamada.

Além de summamente morosa ia mal encaminhado o encanamento das aguas da Carioca, de que amargamente se queixava o governador Arthur de Sá e Menezes, que assentára de suspender a obra, applicando o subsidio que lhe era marcado em acudir as fracturas que tivessem os canos: alvitre este que foi approvado por carta regia de 23 d'Outubro de 1700 (7).

Reconhecendo finalmente o governo a insufficiencia do subsidio pequeno dos vinhos para fazer face ás despezas da obra, deliberou substituil-o pelas sobras da casa da moeda (8), juntando-lhe mais tarde (em 1701) esse mesmo subsidio que agora mandava dar outro destino.

Escasseando cada vez mais os braços indigenas approvou a côrte de Lisboa a resolução que tomára D. Alvaro da Silveira e Albuquerque de comprar á custa da fazenda real os escravos necessarios para as obras, cuja prolongação era um verdadeiro escandalo (9).

Constando a El-Rei por communicação do ouvidor geral Fernão Pereira de Vasconcellos que as obras da Carioca se achavam novamente paradas por haver-se applicado sua consignação para outros objectos escreveu ao governador do Rio de Janeiro em data de 2 de Dezembro de 1715 recommendando-lhe mui expressamente que indagasse dos motivos que

haviam orginado semelhante distracção (10). Do conteúdo da carta regia de 23 de Fevereiro de 1717 collige-se que as duas successivas invasões francezas nos annos de 1710 e 1711 tinham occasionado a suspensão das obras em razão dos excessivos gastos que fôra mister fazer com as fortificacões e com o pagamento do resgate. Sciente o governo das causas verdadeiras ou especiosas, que haviam retardado o cumprimento do mais vivo anhelo da população fluminense determinou que se restituisse a somma que se tomára d'essa verba, continuando-se na arrecadação do imposto que lhe era destinado, o que devera ser gasto não só em reparar o que estava arruinado como em proseguir-se no que faltava, emendando-se os erros até alli commettidos, e fazendo com que um dos engenheiros da praça riscasse a planta a fim de seguir-se o que de mais conveniente parecesse (11).

Remettida a Lisboa a nova planta receou-se que com ella se despendessem sommas exorbitantes, attenta a pessima direcção que desde o seu começo tivera esta obra, ordenando-se portanto que se fizessem algumas ligeiras modificações no primitivo plano em ordem de remediar os mais grosseiros erros, e para occorrer ás despezas augmentava-se-lhe a subvenção com a importancia da passagem do rio Parahyba do Sul, insinuando-se ao mesmo tempo ao governador do Rio de Janeiro que procurasse persuadir aos moradores das vantagens que colhiam-se com o trabalho dos seus escravos nos dias em que menos oneroso lhes fosse, dando assim impulso á uma obra para cuja conclusão tão exuberantes provas dava o governo de interesse (12).

Apesar da decisão da côrte entendeu Ayres de Saldanha d'Albuquerque, que n'essa epocha nos governava, que cumpria abandonar o antigo plano advertido dos seus defeitos pelo tenente general Felix d'Azevedo Carneiro e Cunha, demonstrando que da planta que novamente se levantára era muito mais perfeita, importando a sua realisação em menos dinheiro, havendo quem se incumbisse de pol-a em pratica com uma economia de dez á doze mil cruzados para a real fazenda. Não se dissipando totalmente as duvidas metropolitanas determinou a carta regia de 16 de Novembro de 1719 a suspensão de qualquer melhoramento projectado até novo aviso (13).

Doloroso é, conhecendo-se a verdade, continuar no erro:

assim pois Ayres de Saldanha não pôde capacitar-se de que o governo regio que tão boa vontade havia sempre testemunhado em dotar o Rio de Janeiro com um objecto de primeira e indeclinavel necessidade, se obstinasse em mandar observar um risco inteiramente defeituoso e d'onde nem uma economia resultava. Tomou sobre si a responsabilidade; e havendo conseguido do empreiteiro o abatimento de vinte mil cruzados da somma total em que se avaliasse a reedificação da obra velha obrigando-se por escripturas e fianças, á contento da provedoria, a trazer a agua para dentro da cidade dentro do prazo d'um anno, mandou que se executasse o novo projecto, resolução esta que foi amplamente approvada pela côrte, a quem dera circumstanciada conta do seu proceder (14).

Vencida a grande difficuldade importava que á habeis e zelosas mãos fosse confiada a sua direcção. Felizmente deparou Ayres de Saldanha em Custodio da Silva Serra, capitão-mór de Minas e Vicente Lopes Ferreira com os individuos de que necessitava, e graças ao seu impulso chegou a obra e com brevidade ao termo ajustado, que era no campo d'Ajuda (*). Demonstrou porém a experiencia que ficava esse sitio muito arredado do centro da cidade, continuando, posto que em menor escala, os inconvenientes, que tanto á peito tinha-se em sanar; e o governador, sempre solicito pelo bem estar dos seus subordinados, levou de novo aos degráos do throno as supplicas de nossos avós para que o campo de Santo Antonio e não o d'Ajuda, fosse o local escolhido para n'elle collocar-se o chafariz, importando esta alteração apenas na quantia de trinta e oito contos. Accedeu El-Rei ao pedido, ordenando n'essa mesma occasião que se mandasse fazer o chafariz em Portugal na fórma que lhe fôra proposta pelo dito governador (15).

Grande foi o rigosijo do bom povo do Rio de Janeiro quando no anno de 1723 contemplou o consolador espectaculo de dezeseis bicas de bronze despejando abundante e crystallina agua, e unanimes foram as bençöes que cobriram o nome do benefico governador Ayres de Saldanha.

Condição é porém do progresso humanitario que um beneficio chame outro beneficio; e apenas decorrêra um anno que

(*) *Mons. Pizarro, Mem. Hist. do R. de Janeiro*, tom VII.

d'esse grande melhoramento se fruia quando já representava o senado da camara pedindo que se mandasse construir um cano, que désse para o mar esgoto ás aguas da Carioca, as quaes estagnadas ameaçavam de graves damnos a saúde publica (*). Como era de esperar não desprezou o governo de Lisboa tão justa reclamação determinando por carta regia de 21 de Abril de 172 › que se abrisse o indicado esgoto que sendo feito em direcção á Prainha e passando pelo campo de S. Domingos, servia de limites á cidade, e deu nascimento á rua hoje denominada da *Valla* (16).

Curioso documen o dos disperdicios que havia dos dinheiros publicos e da pouca fé que já n'essa epocha deveram merecer os orçamentos das obras fornece-nos a carta regia de 20 de Fevereiro de 1731, onde, á proposito da concessão d'uma sentinella para o chafariz com o vencimento de quarenta mil réis annuaes, se confessa haver-se despendido no encanamento da Carioca a prodigiosa quantia de seiscentos mil cruzados n'um periodo de cincoenta annos (17).

Se ao menos perduravel monumento se tivesse erguido com semelhante somma licito não fôra lamentar, que assim porém não acontecera testemunha-nos a carta regia de 19 de Dezembro de 1735 d'onde se deprehende que o aqueducto da Carioca se achava já *arruinado em varias partes por ser de seu principio feita com pouca precaução experimentando-se muita falta d'agua na cidade*. Ainda vem corroborar esse documento o axiona moral de que a corrupção e o maleficio existem em todas as epochas, mesmo nas que mais puras e innocentes parecem os costumes. O conservador das obras da Carioca, que vencia o ordenado de duzentos mil réis annuaes foge para não prestar contas da sua má gerencia á simples intimação do governador José de Sousa Paes; e para que se não rompam os canos da Carioca necessario se torna que nos primeiros dias do mez de Janeiro lessem os juizes da vintena um bando impondo as penas de galés e açoites ! (18).

Não obstante o desvelo que não temos cessado de reconhecer da parte do governo portuguez em pról da obra da Carioca, baldados seriam todos os sacrificios de nossos maiores e tornar-se hia á primitiva penuria, se a Providencia não tives-

(*) *Mons. Pizarro, Mem. Hist. do R. de Janeiro.* tom. VII.

se suscitado ao Senhor D. João V. a idéa de mandar governar a nossa terra pelo distincto general Gomes Freire d'Andrada. Dando cumprimento a ordem, a que já nos referimos, mandou postar uma sentinella constante no chafariz para evitar as desordens que de ordinario faziam os pretos, velando igualmente pela conservação das bicas, que por puro vandalismo, poderiam ser arrancadas, como ainda hoje succede com as caixas do correio urbano, e arvores das praças publicas.

Verificando por si mesmo o intelligente e dedicado capitão-general a pouca solidez dos aqueductos mandou-os reconstruir com pedra do paiz, poupando d'est'arte á fazenda real os excessivos gastos, que até então se faziam, mandando-a vir de Lisboa; procedimento este que foi-lhe approvado pela carta regia de 30 de Setembro de 1743 (19). Mudando a antiga direcção determinou outrosim que encaminhadas fossem as aguas para o monte do *Desterro*, que já então começava a denominar-se de Santa Theresa, fazendo construir duas magnificas arcadas de pedra e cal, *ad instar* das das *Aguas Livres* em Lisboa, com quarenta e dous arcos.

Não só para maior pureza das aguas, como para evitar os seus desvios lembrou Gomes Freire á côrte a conveniencia de ser o aqueducto coberto de lage, para o que foi auctorisado por carta regia de 2 de Maio de 1747 (20).

Concluida a obra a mais monumental que nos legou o antigo regimen lavrou se uma inscripção lapidar n'um dos arcos situados no principio da rua de Matacavallos, onde se lêem estas palavras:

« *El-Rei D. João V. Nosso Senhor mandou fazer esta obra pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Frei-*
« *re d'Andrada, do seu Conselho, Sargento-Mór de Batalha*
« *dos seus Exercitos, Governador e Capitão-General das Ca-*
« *pitanias do Rio de Janeiro e Minas Geraes. Anno de* 1750. »

Aguardando a estatua que a gratidão fluminense alçará um dia ao magnanimo conde de Bobadella, sirva-lhe de obelisco o aqueducto da Carioca.

Ao largar da penna seja-nos licito tributar o nosso vivo reconhecimento pela maneira delicada com que o digno director interino do archivo publico, o Snr commendador Barbosa, auxiliou-nos na pesquiza dos documentos, que constituem o unico merito d'este nosso trabalho.

NOTAS

(1) Mathias da Cunha. Eu o Principe vos envio muito saudar. Havendo mandado ver o que me escreveram os officiaes da Camara d'essa cidade, em carta de 14 de Junho de 1676 sobre se haver de conduzir a ella a agua do rio Carioca, pelos grandes prejuizos que do contrario se seguiram aos moradores da mesma cidade, para cujo effeito tinham applicado para o gasto da obra, a renda do subsidio pequeno me pareceu dizer-vos, que façaes continuar a dita obra na conformidade do assento que se tem feito, visto approvar-se a fórma d'elle, e ordenareis que com effeito se consiga a dita obra, e que se não pare n'ella, para que de uma vez (ajustado o modo com que se ha de conduzir a agua a esta cidade) se execute o que se tem assentado. Escripto em Lisboa a 3 de Junho de 1677.

Principe.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(2) D. Manoel Lobo. Eu o Principe vos envio muito saudar. Havendo mandado ver o que me escreveu o governador Mathias da Cunha, vosso antecessor, em carta de 6 de Agosto do anno passado sobre se continuar com a obra da agua do rio Carioca e que applicaria quanto fosse possivel por ser muito util para esta cidade; e mandando tambem ver o que de novo me representaram os officiaes da camara d'ella em carta de 9 de Agosto do dito anno, em razão das difficuldades que havia para se não poder continuar com a dita obra, por se haver mister para ella muitos annos e quantidade de dinheiro, sendo mui limitado o rendimento do subsidio pequeno que para ella estava applicado; pelo comprido caminho, montes e penhas por onde se havia de romper; de mais que o rio havendo seccas diminuia de sorte que não levava agua bastante para vir de tão longe, por cuja causa seus antecessores a intentaram unir com outro rio, me pareceu encommendar-vos (como por esta o faço) que se continue a dita obra, e que se faça com a brevidade que pede a necessidade d'esses moradores, não se divertindo para outra cousa alguma o que está applicado a esta obra, por ser bem publico e commum, e constar por informações que isto é o mais conveniente aos ditos moradores. Escripto em Lisboa a 14 de Dezembro de 1679.

Principe.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(3) Duarte Teixeira Chaves. Amigo. Eu o Principe vos envio muito saudar. Havendo mandado ver o que escreveram os officiaes da camara d'essa capitania em carta de 18 e 21 de Maio do anno passado sobre se determinar n'aquelle senado pelos officiaes d'elle governador Pedro Gomes, desembargador syndicante João da Rocha Pitta, provedor da fazenda e ouvidor geral, se impozesse nas aguardentes que iam d'este reino a essa capitania um novo subsidio de mil e duzentos réis por cada barril, oitocentos réis para a infantaria, que tinha ido para a nova povoação por causa de poucos effeitos, que havia para ser soccorrida, e quatrocentos réis para as obras do conselho e agua da Carioca, a qual se não poderia conduzir a essa praça na fórma em que eu ordenava, e que ficavam tratando de a levar por onde tinha principiado Thomé Corrêa de Alvarenga sendo governador d'essa praça, assim por estar já muita quantidade da obra feita de pedra e cal, como por estarem certos da altura, e o livel que era necessario para a dita obra com a experiencia que fizeram seus antecessores. Me pareceu ordenar-vos (como por esta o faço), que dos tres cruzados que os officias da camara com os mais ministros determinaram se impuzessem nas aguardentes se cobrem os dous cruzados para a infantaria por não haver n'esse estado o bastante com que se pague. E para a boa arrecadação ordeneis que haja cofre aonde se recolham e que os barris d'aguardente déem entrada em vossa casa, para que saibaes os que entram, e se não possa divertir esta contribuição e da arrecadação tenham cuidado o vereador da camara mais velho, o ouvidor, e Antonio Rider, os quaes tenham cada um sua chave e a despeza se faça com intervenção vossa, e vos encarrego muito, e mando que esta contribuição se não divirta a outro effeito e sirva sómente para o pagamento da infantaria. E quanto ao cruzado que se determinou impor para a obra da agua da Carioca se não imponha, nem permittaes que o arrecadem os officiaes da camara, supposto que a dita obra tem consignação certa e abundantissima, cumprindo-se muito inviolavelmente a provisão que mandei passar em 6 de Maio de 672 e as cartas que fui servido escrever aos officiaes da camara e governadores Mathias da Cunha e D. Manoel Lobo em 3 de Junho de 677 e 14 de Dezembro de 679, de que se vos enviam as copias, para que a Camara não seja dispenseira a seu arbitrio da contribuição applicada a esta obra; mas que a despeza se faça na fórma que convém, assistindo vós a tudo, o vereador mais velho, o ouvidor, o reitor da companhia, e que se faça pelo modo que tinha disposto Thomé Corrêa de Alvarenga, por se achar que todo o outro é impossivel. E n'esta conformidade o mando tambem ordenar aos ditos officiaes da camara e assim como vossos successores procurareis correr com a dita obra com todo o calor e com toda a circumspecção na distribuição, do que para ella está applicado, como espero do zelo com que me servis, e mandareis registrar esta minha carta nas partes a que tocam, para que vossos successores tenham noticia do que por esta ordeno. E me dareis conta do que

se for obrando n'este particular. Escripta em Lisboa, 26 de Maio de 1682.

Principe.

Para o governador da capitania do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(4) Officiaes da camara da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Eu o Principe vos envio saudar. Havendo mandado ver o que escrevestes em cartas de 18 e 21 de Maio do anno passado sobre se determinar n'esse senado pelos officiaes d'elle governador Pedro Gomes, desembargador syndicante João da Rocha Pitta, provedor da fazenda e ouvidor geral se impuzesse nas aguardentes que iam d'este reino a essa capitania um novo subsidio de 1$200 rs. por cada barril, 800 rs. para a infantaria, que tinha ido para a nova povoação por causa dos poucos effeitos, que havia para ser soccorrida e 400 rs. para as obras do conselho e agua da Carioca, a qual se não poderia conduzir a essa praça na fórma em que eu ordenava e que ficaveis tratando de a levar por onde a tinha principiado Thomé Corrêa de Alvarenga, sendo governador d'essa praça, assim por estar já muita quantidade da obra feita de pedra e cal, como por estardes certo da altura e o livel que era necessario para a dita obra com a experiencia que fizeram vossos antecessores. E quanto ao cruzado que se determinou impor para a obra da agua da Carioca se não imponha, nem elle permitta que o arrecadeis, supposto que a dita obra tem consignação certa e abundantissima, cumprindo-se muito inviolavelmente a provisão que mandei passar em 6 de Maio de 1672, e as cartas que fui servido escrever-vos, e aos governadores Mathias da Cunha, e D. Manoel Lobo em 3 de Junho de 1677, e 14 de Dezembro de 1679, (de que vos envio as copias,) para que esse senado não seja dispenseiro a seu arbitrio da contribuição applicada a esta obra, mas que a despeza se faça na fórma que convém assistindo a tudo o dito governador e o vereador mais velho, o ouvidor e o reitor da companhia e que se faça pelo modo que tinha disposto Thomé Corrêa de Alvarenga, por se achar que todo o outro é impossivel. E vos estranha, (como por esta o faço), o descuido que tem havido, e o dinheiro que se tem mal gastado; e ao dito governador mando tambem ordenar, que assim elle como seus successores procurem correr com a dita obra com todo o calor e com toda a circumspecção na distribuição do que para ella está applicado como o fareis pela parte que vos tocar e mandareis registrar esta minha carta para que vossos successores tenham noticia do que por esta ordeno. E dareis conta do que se for obrando n'este particular. Em Lisboa a 26 de Maio de 1682.

Principe.

Para os officiaes da camara do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(5) Duarte Teixeira Chaves. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Mandando-vos ordenar por carta de 26 de Maio de 682 que se impusesse dous cruzados nos barris que ahi entrassem de aguardente para as despezas da infantaria, que assiste na povoação da nova colonia do Sacramento, e que houvesse um cofre, em que se mettesse este rendimento com tres chaves repartidas por varias pessoas, dando os barris entrada em vossa casa, e que a despeza se fizesse por vossa intervenção. E havendo mandado ver o que me escrevestes em carta de 30 de Junho d'este anno ácerca de ficardes para dar a execução á ordem referida, como tambem á da obra da agua da Carioca que ha tantos tempos estava parada por o senado da camara lhe divertir os effeitos consignados a ella, de que não achastes nenhum dinheiro para se principiar e do que fosse cahindo se iria continuando a obra e que conviria muito que o subsidio se não rematasse sem intervenção d'esse governo, e ouvidor geral, e o rendimento d'elle se mettesse em um cofre, o qual se puzesse em um collegio com duas chaves e uma d'ellas tivesse o reitor, a outra o thesoureiro, a quem se fizesse receita e despeza d'este dinheiro, que seria feita por mandados assignados pelo governador, ouvidor geral, vereador mais velho, e reitor da companhia para que em nenhum caso e em nenhum tempo se pudesse divertir este dinheiro para outra alguma cousa, por que só d'esta sorte se poderia augmentar aquella obra tão util para esse povo. Me pareceu ordenar-vos (como por esta o faço) que disponhaes este negocio na fórma que apontaes. Escripta em Lisboa a 4 de Dezembro de 1683.

Rey.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(6) João Furtado de Mendonça. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Por parte dos officiaes da camara d'essa capitania se me representou aqui estarem continuando com a obra da agua da Carioca, e que esta se não podia fazer sem assistencia dos Indios, que são os trabalhadores que n'essas partes costumam trabalhar e que sendo uso e costume dar-se-lhes de seu jornal assim nas obras do senado como nas dos engenhos dos particulares, de comer todos os dias, e no cabo do mez tantas varas de algodao, o reitor da companhia lhe alterava este antigo costume querendo se désse aos taes Indios 4 vintens cada dia, para o que não bastaria todo o rendimento do subsidio pequeno applicado á dita obra por serem muitos os taes Indios que n'ellas trabalham e se fazer com o comer somente um consideravel dispendio, pedindo-me lhe concedesse provisão para se não poder alterar o jornal dos ditos Indios até aqui observado. E vendo-se a informação sobre este particalar, me pareceu (ordenando como por esta o faço) que ajusteis este negocio, de sorte que nem os Indios trabalhem sem a justa satisfação, nem os padres da companhia queiram introduzir jornaes excessivos, attendendo tambem o costume que sempre se observou nos pagamentos do serviço do

gentio que a razão e o tempo foram alterando porque ao principio era muito limitado. Escripta em Lisboa a 13 de Novembro de 1686.

Rey.

Para o governador do Rio de Janeiro.

Conde de Val de Reis.

(7) Arthur de Sá e Menezes. Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de 3 de Abril d'este anno, em que daes conta da causa que ha para se não continuar com a obra da agua da Carioca, e de como em a junta que se fez dos ministros deputados para ella se assentou que a obra se não continuasse, por não se perder n'ella mais do que se tem perdido, com a que está feita por ir totalmente errada, e ser precisamente necessario dar-se-lhe outro principio com a emenda que convém, ajuntando-se para este effeito dinheiro bastante, da sua consignação para se poder trabalhar n'ella remediando-se o erro passado, evitando o continuar-se, porém que em quanto se não podia principiar a obra da emendada se iria acudindo ás fracturas que tiverem os canos, que é o mesmo que pareceu ao engenheiro, e os officiaes da camara a estranhavam porque não conheciam o erro e por isso se queixavam. E pareceu-me dizer-vos se approva tudo o que dispuzestes e assentou n'este particular. Escripta em Lisboa a 23 de Outubro de 1700.

Rey.

Para o governador e capitão general do Rio de Janeiro.

Conde de Alvor.

(8) Arthur de Sá e Menezes. Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de 7 de Junho d'este anno em resposta a que se vos havia escripto sobre se applicarem á obra dos canos da agua da Carioca, os sobejos da casa da moeda até se findar, ficando o subsidio pequeno que está applicado para a mesma obra salvo para a fazenda real, e o que sobrasse do dito rendimento da casa da moeda depois de feita a obra se destinaria para as fortificações, e porque representaes na vossa carta que por se não ter ainda feito orçamento da dita obra da Carioca, poderia succeder não bastarem os taes sobejos da casa da moeda para ella e que ainda não bastem, como esta obra é tão dilatada, devia ter sempre alguma consignação para o concerto dos canos ou de alguma ruina que lhe sobrevier, ao que se podia applicar o dito subsidio pequeno, ficando o seu rendimento na fazenda real, depositado em cofre a parte por não ter a camara effeitos com que lhe poder acudir. Me pareceu ordenar que o subsidio pequeno se cobre pela fazenda real, como tenho resolvido, e que feito orçamento da obra da Carioca, quando não bastem para se acabar as sobras da casa da moeda, os rendimentos do dito subsidio se ponha em a dita ultima perfeição, correndo tudo por vossa ordem e dos ministros e officiaes da

fazenda real para que com toda a brevidade se acabe e assim vos ordeno o façaes executar e mandeis o orçamento da quantia que das sobras da casa da moeda resta liquida para a obra da Carioca para se tomar resolução ajustada na applicação dos effeitos para ella e quanto aos reparos que sejam necessarios, se requererá e aos officiaes da camara se avisará do que n'este particular vos ordeno. Escripta em Lisboa a 18 de Novembro de 1701.

Rey.

Para o governador general do Rio de Janeiro.

Conde de Alvor.

(9) D. Alvaro da Silveira de Albuquerque. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de 16 de Agosto do anno passado, em que dais conta da resolução que tomastes com o parecer do provedor de minha fazenda sobre os contractos dos canos da agua da Carioca comprando os escravos necessarios por conta da fazenda real para o trabalho com que se havia dado principio a obra, e determinaveis continuar comprando os mais que fossem necessarios na primeira occasiao. E pareceu-me approvar como por esta approvo o que dispuzestes n'este particular e o que determinaes executar para se pôr fim a esta obra tão util, e necessaria. Escripta em Lisboa a 8 de Janeiro de 1704.

Rey.

Para o governador do Rio de Janeiro.

(10) D. João por graça de Deus Rey de Portugal d'aquem e d'alem mar e senhor em Africa e de Guiné, etc. etc.—Faço saber a vós governador e capitão general do Rio de Janeiro, que o ouvidor geral Fernão Pereira de Vasconcellos em carta de 13 de Junho d'este anno me deu conta do grande prejuizo que recebe esse povo com a dilação da obra dos arcos da agua da Carioca que tendo-se-lhe applicado rendas, cuja administração corria pelo senado da camara e de presente pela fazenda real se acha parada, sem se trabalhar n'ella ha annos, de que nascia mandar esse povo buscar agua necessaria para suas casas em potes, na distancia mais de uma legua. E pareceu ordenar-vos, examineis a causa que houve para se divertir a consignação que estava applicada para esta obra e a razão que houve para se não continuar, sendo esta tão necessaria para esse povo, e em que se gastou o dinheiro destinado para esse mesmo effeito, e que ordem houve para isso, e o que tem importado tudo o que se cobrou desde o dia em que parou esta obra, e o que se acha em ser, e fareis que d'aqui em diante se gaste a dita consignação para o que foi applicada, seguindo-se n'esta obra aquella mesma disposição que por repetidas ordens minhas se tem mandado. El-rey nosso senhor o mandou por João Telles da Silva, e Antonio Rodrigues da Costa, conselheiros de seu conselho ultramarino, e se passou por duas vias. Theotonio Pereira de Castro a fez em Lisboa a 2 de Dezembro de 1715, e eu André Lopes de Lavre a fiz escrever.

João Telles da Silva.
Antonio Rodrigues da Costa.

(11) D. João por graça de Deus, Rey de Portugal, etc. etc.—Faço saber ao governador da capitania do Rio de Janeiro que sendo-me presente o grande prejuizo que recebe esse povo com a dilação da obra dos arcos da agua da Carioca e que tendo-se applicado rendas cuja administração corria pelo senado da camara e de presente pela fazenda real nem se trabalhava n'ella, havia annos, do que nascia mandarem os habitantes d'esta cidade buscar a agua necessaria para suas casas em potes a uma legua de distancia, ordenei a vosso antecessor F. de Tavora examinasse a causa que houvera para divertir a consignação que estava applicada para esta obra e a razão que houvera para não se conutinar, sendo ella tão necessaria para esse povo e em que se gastava o dinheiro destinado para este effeito e que ordem houvera para isso e em que importava tudo que se tinha cobrado desde o dia em que se tinha parado a dita obra e se achava em ser, fazendo com que d'ahi em diante se gaste a dita consignação para o que fôra applicada, o que em carta de 4 de Julho do anno passado responde que a razão que houvera para se divertir a consignação applicada a dita obra e se parar com ella, que era a do subsidio pequeno dos vinhos, e que não bastava, se suppria pela fazenda real em quanto se trabalhou n'ella, fora a invasão dos francezes n'aquella cidade e como cresceram excessivamente as despezas da fazenda real com as obras das fortificações que eram necessarias para a defesa d'aquella praça, se suppria com todo o dinheiro que tocava á provedoria em que entra tambem esta consignação, o que lhe parecia que emquanto se não acabassem de todo se não bulisse com esta obra que estava tão mal começada que se principiaram os arcos ás avessas e que de pouco viria a servir a grande despeza que se fizesse n'ella e como se reconhecia ser tão precisa para beneficio commum, e para cujo effeito se constituiu o pequeno subsidio dos vinhos. Me pareceu ordenar-vos façais restituir esta consignação applicada para a obra da agua da Carioca seguindo-se na sua despeza e arrecadação o que tenho disposto por repetidas ordens e que se vá gastando o producto d'ella não só em reparar o que está feito, mas em continuar d'aqui em diante o que falta a findar a dita obra e que para que se emende algum erro que n'ella haja, fareis que um dos engenheiros d'essa praça risque a planta d'ella para que se siga o que se tiver por mais certo e conveniente e declarareis o que se tem despendido desde o principio, se se gastou com effeito o que se cobrou das consignações destinadas para ella e o que ainda falta para dar fim a ella. El-Rey nosso senhor, etc. etc. (23 de Fevereiro de 1717.)

(12) D. João por graça de Deus, Rei de Portugal, etc. etc. Faço saber a vós governador da capitania do Rio de Janeiro, que fazendo-se-me presente o que respondeu o vosso antecessor á ordem que lhe foi sobre a agua da Carioca e a suspensão que houvera n'ella por se gastar o dinheiro applicado á sua despeza nas fortificações d'essa praça, representando-me o que se tinha n'ella despendido do seu principio e as duvidas que se lhe offerciam a continuar-se com a

obra que está por fazer, remettendo-me uma nova planta por onde entendia seria mais conveniente o fazer-se a obra d'ella; fui servido mandar-vos ordenar por resolução de 23 do presente mez e anno tomada em consulta do meu conselho ultramarino, façais acabar a obra da Carioca pela planta antiga por estar a maior parte d'ella feita e ser excessiva a despeza que ha de custar a da planta nova, para o que não poderão contribuir os moradores d'essa cidade, e que a obra que falta por se findar se faça n'ella os angulos boleados e não agudos como se tem feito nas mais obras já feitas, e quando estes se damnifiquem se reparem tambem em fórma que fiquem boleados e não vivos, porém que antes que se continue a obra que falta, mandareis os engenheiros e pessoas praticas tomar o livel a esta agua desde o seu nascimento para que não aconteça que por falta de sufficiente queda fique inutil a obra e que pelo interior, emquanto se não aperfeiçoa de todo, achando-se que em algumas partes se possam fazer registos com tanques para o serviço publico, se façam em a extremidade da obra que está feita e se faça tambem alguma maior para que emquanto durar a obra até a cidade se possa buscar a agua mais perto; e que a consignação do subsidio se não deve de diverlir para nenhum outro effeito e que se examine o que se está devendo d'elle a dita consignação, pela fazenda real e que isto se lhe satisfaça e lhe consigno para o dito pagamento o rendimento da passagem do rio da Parahyba do Sul, examinando-se outrosim, se da fazenda real se tem contribuido com algum dinheiro para a dita obra, e que este se abata do dinheiro, que a fazenda real metteu em si e gastou nas fortificações, e vos recommendo me dês conta todos os annos do que se tem obrado n'esta obra como negocio tão importante ao bem commum d'esses povos, e procurareis com todo o bom modo a que os moradores contribuam com seus escravos para esta obra, não só os dias que insinuou vosso antecessor, mas os mais que puderem, persuadindo-os a isso com as razões das conveniencias que se lhes seguem em se acabar essa obra mais depressa. El-Rey nosso senhor o mandou por João Telles da Silva e Antonio Rodrigues da Costa conselheiros do seu conselho ultramarino e se passou por duas vias. Antonio Coelho Pereira a fez em Lisboa occidental a 25 de Dezembro de 1718. E eu André Lopes de Lavre a fiz escrever.— *João Telles da Silva.* — *Antonio Rodrigues da Costa.*

(13) D. João por graça de Deus, etc. etc. Faço saber a vós Ayres de Saldanha de Albuquerque, governador e capitão-general capitania do Rio de Janeiro que se viu o que respondestes em carta de 8 de Julho d'este presente anno, á ordem que vos foi sobre a agua da Carioca, representando-me que respeitando ao que vos ordenava, ácerca d'esta materia, farieis com o engenheiro e pessoas praticas ver a dita obra, e que ficaveis entendendo que mandaveis dar assento ao arbitrio da nova planta, o que executaveis infallivelmente, e para este effeito tinheis já mandado pôr editaes para quem quizer a dita obra sem embargo da minha ordem, em que prohibo o arbitrio da nova planta que deu, comtudo como ella só respeitava

o maior gasto que se havia de fazer, e como ahi havia um homem que diz se atreve a conduzir a agua da parte mais junta á mãi, e por sitios muito mais eminentes com muito maior queda que a da obra velha e sem ser necessario arco algum e mettel-a nos canos por baixo de Nossa Senhora da Gloria com toda a segurança por menos dez ou doze mil cruzados, do que quaesquer outros officiaes que quizerem fazer a obra velha, vos parecia não desprezar este arbitrio a respeito da utilidade que se segue á minha real fazenda, e supposto já investigaste o exame com a camara d'essa cidade, engenheiros e mais officiaes praticos, e mestres da camara, ficaveis na resolução de mandar executar a dita obra na consideração de que eu haveria assim por bem, precedendo fianças abonadas e seguras: Me pareceu dizer-vos que se viu a conta que me dais e por ella se não póde formar juizo certo se será melhor a nova obra que propondes ainda que seja por menos dez ou doze mil crusados, por quanto não declarais se na obra velha ha n'ella algum inconveniente de tortura no olivel, ou menos quéda do que é necessario, como tambem se a obra nova se poderá fazer em menos tempo do que a outra se havia de acabar, nem exprimís se o homem que dá este arbitrio, convenceu-se das difficuldades que lhe puzeram os engenheiros, o que tudo era necessario para se poder entender qual das obras era mais conveniente, e que n'esta consideração devia de mandar fazer a planta em que se mostra o interesse que ha em se antepor a obra nova á velha, e assim a respeito não só da despeza, mas da duração e conservação d'esta obra, e se vos declara que sem novo aviso não entreis na nova obra, que intentais. (El-Rey o mandou, etc.—16 de Novembro de 1719.

(14) D. João por graça de Deus, etc. etc. Faço saber a vós Ayres Saldanha de Albuquerque governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que se viu o que respondestes em carta de 26 de Julho d'este anno sobre a nova obra que propuzestes da agua da Carioca e que devieis mandar de fazer a planta em que se mostrasse o interesse ou se antepor a obra nova á velha, assim a respeito não só da despeza, como da duração, declarando-se-vos que sem novo aviso não entrareis na nova obra que intentaveis; representando-me que quando me dereis conta no anno passado do que se vos offerecia a respeito d'esta obra e agora me fazieis presente que depois que a fróta partira convocareis novamente á camara, o engenheiro, e mestres pedreiros que parecerão necessarios para o ultimo exame do sitio por onde seria mais conveniente conduzir a a agua a essa cidade, convindo todos na execução da nova planta, assim pela estabilidade e segurança na obra que leva arca alguma; e só uma parede debaixo da terra em que se possam assentar os canos, a ser por fóra de fazendas a respeito do extravio da agua que infallivelmente havia de ter, sendo por dentro d'ellas como que o empreiteiro abatia 20,000 cruzados do em que se avaliasse a reedificação da obra velha obrigando-se por escripturas, e fianças a contento da provedoria da fazenda real a metter a agua n'essa ci-

dade dentro de anno e meio embolçando logo 10,000 cruzados que sem duvida dizem havia de levar mais de cal a obra velha, vos resolvereis a mandar pegar n'ella, e com effeito se principiára em 5 de Outubro do anno proximo passado, e se achava hoje com o maior trabalho vencido porque é a cava, e já se principiava a fazer a parede junto á mãi e assentar os canos, mas sem embargo d'isto e de affirmarem todos os moradores que se não param com ella infallivelmente estaria dentro de um anno na cidade. Logo que recebeis a minha ordem a mandareis suspender, porém considerando depois o gravissimo prejuizo que se experimentava de esperar nova resolução minha sobre este particular, tornareis a convocar o engenheiro e mestres pedreiros para exame da obra que estava feita e assentaram que se se parasse com ella seria necessario novo trabalho a respeito de que a terra da cava, por não estar perfeitamente movida tornaria a cahir na mesma cava, com esta vistoria e o requerimento da camara ponderando os prejuizos que se seguiam ao meu serviço e d'esse povo que estava desconsoladissimo com a ordenada suspensão da obra, vos determinareis a mandal-a continuar, entendo que eu assim o haveria por bem na consideração do referido, e que a obra velha além de vir pelo meio de muitas fazendas, mostrára a experiencia que no tempo que corria a agua por algumas d'ellas, estavam sempre os canos rotos por maleficio dos fazendeiros e que se necessitava bulir nas paredes da maior parte dos arcos até os alicerces por se achar quasi toda aluida com o tempo, como tambem de que se o empreiteiro se ausentasse d'essa terra como determinára, nao haveria n'ella como não ha pessoa capaz de concluir a obra com a brevidade que convém, e pelo sitio por onde ella a faz e padeceria ás mesmas difficuldades que ha 74 annos a tem embaraçado e que d'esta obra nova me remetteis a planta, advertindo que o caminho d'ella terá de comprimento 24,500 palmos até a igreja de Nossa Senhora do Desterro, e 3,500 até o primeiro arco do campo de Nossa Senhora da Ajuda, que fazem 27,700 e menos que o da obra velha 3,300 e que ainda não estava determinado se ha de continuar a obra para os arcos do campo de Nossa Senhora da Ajuda, se para o Santo Antonio que foi mais perto d'essa cidade, e como esperaveis que para o anno que vem esteja a agua n'ella, tinheis por muito conveniente que d'este reino se vos mandassem dous ou tres chafarizes, não só porque a pedra d'essa terra não é capaz para semelhante obra, mas porque lavrando-se a que ha ahi ha de fazer grande despeza. Me pareceu dizer vos que nas circumstancias que propondes e não havendo fallencia n'esta obra na fórma que tendes disposto se vos approva o que resolvestes e que assim se deve continuar com a factura d'ella. E o que respeita aos chafarizes para que se façam como convem que deveis mandar as medidas d'elles, tendo entendido que o custo d'elles ha de sahir da consignação applicada para a despeza d'esta mesma obra da agua da Carioca, remettendo a sua importancia a este reino nas náos de comboi na fórma do meu novo alvará. (22 de Novembro da 1720).

(15) D. João, etc. etc. Faço saber a vós Ayres de Saldanha, etc. etc., que se viu o que respondestes em carta de 30 de Setembro do anno passado á ordem que vos foi sobre declarardes o estado em que se achava a obra da agua da Carioca e quanto importaria o que restava para se fazer a dita obra, representando-me que esta se achava feita até o sitio de Nossa Senhora do Desterro, que fora o termo da 1.ª arrematação por nao haver quem se quizesse obrigar mais que até o sitio e pela conveniencia com que se arrematou ao empreiteiro que a fez por menos 20.000 cruzados do mais barato lanço que houve na dita arrematação, e que convocando novamente a camara, engenheiros e mestres pedreiros para se determinar porque parte seria melhor continuar a obra, resolveram ser muito mais conveniente continuar para a parte de Santo Antonio, assim por fazer menor despeza do que pela banda de Nossa Senhora da Ajuda, como por ficar mais perto da cidade e supposto que para entrar n'ella a agua, se mettesse um valle que necessita de alguns arcos, são mui poucos a respeito dos que necessitava a obra velha e n'esta conformidade ficava feita a ultima arrematação, e quanto ao que poderá importar, o resto será até trinta e oito contos de réis, o que se não faria na fórma da obra velha com cincoenta contos de réis, e que remettieis as medidas dos chafarizes declarados na planta que remettieis. Me pareceu ordenar-vos que da consignação que está applicada para a dita obra da Carioca remettais a importancia dos ditos chafarizes a este reino para d'elle se vos mandarem fazer na fórma que apontais. 14 de Abril de 1722.

(16) D. João, etc. etc. Faço saber a vós Ayres Saldanha de Albuquerque governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro, que os officiaes da camara d'essa cidade me representaram em carta de 18 de Outubro do anno passado em como a agua da Carioca se achava já n'ella, porém como não tinha sahida a dita agua, se temia muito que se não arruinassem as casas da dita cidade, mas que se occasionassem como affirmaram todos os medicos e cirurgiões da dita terra, e que com a importancia de 8 ou 9,000 cruzados, fazendo-se-lhe um cano real de pedra com sahida para o mar para a parte que mais conveniente fôr e tanques em que se possam lavar as roupas se podia evitar todo o damno que estava ameaçando, se se não acudir a esta obra promptamente e porque convem dar-se-lhe uma providencia efficaz em materia tão grave. Me pareceu ordenar-vos façais acabar a dita obra na fórma que apontam os officiaes da camara pela consignação applicada á mesma obra da Carioca e de tal maneira que se ponha a dita obra na sua ultima perfeição, fazendo com que a dita agua tenha sahida ao mar, e se abram os tanques que se entender são necessarios para o beneficio que elles insinuam por se evitarem os prejuizos tão irreparaveis que podem acontecer aquelles moradores assim nas perdas das suas casas, como no risco de sua vida e saude, o que vos hei por muito recommendado. 21 de Abril de 1725.

Antonio Rodrigues da Costa.
Joseph de Carvalho Abreu.

(17) D. João, etc. etc. Faço saber a vós Luiz Vahia Monteiro, governador da capitania do Rio de Janeiro, que sendo o que escrevestes por via do meu secretario d'estado Diogo de Mendonça Côrte Real em carta de 7 de Agosto do anno passado em que a camara d'essa cidade me pedia se conservasse da fonte da Carioca uma sentinella com 40$000 de ordenado além dos seus soldos, o que lhe virá a importar 80$000 por anno e que tinheis tirado porque ao mesmo tempo se achava arrematada a vigia d'estes canaes em 150$000 por anno e sem embargo de duas vigias foram sempre e são continuas as faltas da agua, originadas todas pela má qualidade da obra em que se gastou á fazenda real 200.000 cruzados depois de se rematar a dita obra em 80.000 e d'esta e outras desordens em materia de obras resultou achardes a fazenda real empenhada e estes 600.000 cruzados gastos inutilmente em obras, como estas cuja quantia tendes quasi desempenhada e estes 600.000 cruzados poderieis ter remettido senão tivesse feito estes disperdicios e já para a fróta que vem, esperaveis enviar 6.000 cruzados da real fazenda d'essa cidade e que a dita agua da Carioca é tirada de um rio em distancia de uma legua d'essa cidade, cuja obra teve principio haverá 30 annos, e para se fazer se concedera um imposto nos vinhos a que chamam subsidio pequeno, que quando mais chegou a render 8,000 cruzados e agora menos e com este rendimento não podia apressar a obra, mandei adiantar dinheiro da minha real fazenda e todo o rendimento da casa da moeda do tempo que governou Arthur de Sá de Menezes com cujo dinheiro ficou comprado para a minha real fazenda o dito subsidio como consta de uma carta escripta ao mesmo Arthur de Sá em 17 de Novembro de 1700, depois do que se tem gasto na dita obra mais de 600,000 cruzados puramente da minha fazenda, e sobre a despeza d'esta sentinella me dareis conta pelo meu conselho ultramarino, que agora para a dita repartição se vos manda conservar absolutamente como tambem me dareis conta pela mesma parte das desordens que havia na dita obra e que a teima de se pedir esta sentinella é para conservar os apparentes industrias com que o ouvidor geral quer parecer zelador do povo porque não e necessario para cousa alguma, mas para não replicardes outra vez ao dito conselho a determinareis conservar ate ultima resolução. Me pareceu dizer-vos fui servido mandar remetter ao dito conselho a carta que escrevestes ao secretario d'estado de 7 de Agosto do anno passado, em que n'ellas exprimis as grandes despezas que se tem feito inuteis na obra da Carioca e a remessa que intentais fazer de dinheiro para este reino, procedido dos sobejos das rendas reaes, se vos declara já se vos avisou, se entendeu só depois de pagos todos os credores da fazenda real e que ainda para remetter estes deveis dar-me conta e receber ordem minha para poder fazer estas remessas e não arriscal-as sem ordem; e que emquanto a guarda da Carioca que obrastes bem em comprireis a minha ordem, porque se a sentinella é posta para evitar pendencias aos escravos, que a dita fonte vao buscar agua. 20 de Fevereiro de 1731.

(58) D. João, etc. etc. Faço saber a vós José da Silva Paes, governador do Rio de Janeiro, que se viu a vossa carta de 26 de Junho d'este anno, sobre o exame que fizestes na obra da Carioca e seus aqueductos, achando-a muito arruinada em partes, por ser de seu principio feita com pouca precaução, experimentando-se pelos motivos que apontaveis, muito falta d'agua na cidade, sem embargo de haver um mestre que estava encarregado da sua construcção, a que se davam 200,000 por anno, o qual fugíra em razão de recear que vós na sua presença examinarieis os máos concertos que n'ella havia feito, por cujo motivo nomeastes outro para cuidar em reparar o aqueducto nas mais partes que estava arruinado, fazendo-lhe a sua cobertura de espigão não só por fazer mais difficil o rompel-a, como por que se não passasse por cima d'este a pé nem a cavallo, como até aqui se fazia, ordenando-se que em aquellas partes em que fazia despenhadeiro lhe puzesse uma cancella com sua porta, para que não pudessem continuar a passar pelo mesmo caminho e se evitar com este remedio aquelle prejuizo, e com o bando que determinaveis mandar lançar com penas ás pessoas que romperem os canos, e de açoutes e galés aos negros que o fizessem, mas que como esta obra não era perduravel, querieis fazer em um lanço que se achava arruinado para em todos os que se fizessem de novo se obrar o mesmo, e dentro de doze ou vinte annos se reformar tudo o que está feito, um aqueducto de pedra e cal com seus canos de pedra que era só o preduravel, bem betumados, cobertos de lagedo, deixando-se-lhe de 60 até 70 palmos um registro e a cada 2,000 uma pia de recepiente com sua porta, de sorte que se examine bem a quantidade d'agua que diminuia de pia a pia afim de se ver se era sensivel ou natural para se lhe dar outro remedio ou procurar dar-se-lhe donde necessitasse d'elle, havendo um homem destinado para sua vigia e interessado nas condemnações dos que transgredissem o bando, ou que qual outra pessoa que os denunciasse fazendo-se os concertos precisos por minha conta que era de sorte, que os não deviam falsificar e na cidade augmentar-lhe mais bicas e dar-se mais capacidade ao chafariz para melhor commodidade do povo que era o que vos parecia: o que sendo visto me pareceu louvar-vos muito o cuidado que puzestes n'esta materia, e se vos approva o acertado arbitrio que dais para se remediarem os erros com que esta obra se fez, emendando-se agora nas partes que for necessario concertar-se esse aqueducto, fazendo-se de pedra e cal e com as circumstancias que apontastes e na mesma fórma se vos approva o bando que querieis mandar lançar o que mandareis escrever no L.º da camara, ordenando da minha parte aos officiaes d'ella o façam publicar por toda a cidade, mandando por escripto aos juizes de vintenas para que tambem o publique em todos os annos no mez de Janeiro, para que seja notorio a todos os moradores e não possam allegar ignorancia; se vos ordena que examineis o mestre que estava encarregado da conservação d'este aqueducto que faltou á sua obrigação, e lhe

façais reçarsir o prejuizo que tiver causado, mandando proceder contra elle ou seus fiadores e em falta d'estes em quem faltou de tomar-lhes as seguranças devidas n'este caso, o que se vos dá por muito recommendado para se evitarem com este exemplo taes enganos.

El-Rey nosso senhor o mandou passar por Dr. Manoel Fernandes Varges e Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda, conselheiros de seu conselho ultramarino. Antonio de Loura a fez em Lisboa occidental a 19 de Dezembro de 1735. O secretario, *Manoel Fernandes Varges. — Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda.*

(19) D. João etc. etc. Faço saber a vós governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que se viu o que respondestes em carta de 18 de Janeiro d'este presente anno a ordem que vos foi sobre mandares examinar a pedreira que ha na montanha da Carioca e assim achando que era a pedra d'ella capaz para os canos d'esta obra, os mandasseis pôr em lanços para ahi se fazerem na fórma dos d'este reino por teres avisado que ali se podiam fabricar com mais commodo sobre o que me expuzestes ser a dita pedra capaz, porém que não havia ahi official que fizesse esta obra em fórma que seja conveniente á minha fazenda, logo que elle pareceu dizer-vos que visto não se achar que faça estes canos com as circumstancias e conveniencia com que vão d'este reino, se ordena ao empreiteiro que continue a mandar lavrar a pedra para estes canos que se remetteram na fórma que iao, e assim mandareis receber com toda a clareza e arrecadação os canos que forem, mandando-os contar e medir a cada navio separadamente. El-Rey nosso senhor o mandou por Alexandre de Gusmão e Thomé José da Costa Côrte Real conselheiros do seu conselho ultramarino e se passou por duas vias. Theodoro de Abreu Bernandes a fez em Lisboa a 30 de Setembro de 1743. O conselheiro J. Baptista Borena a fez escrever.

Alexandre de Gusmão.
Thomé Joaquim da Costa Côrte Real.

(20) D. João, etc. etc. Faço saber a vós governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que se viu o que respondestes em carta de 6 de Outubro do anno passado, á ordem que vos foi sobre a arrematação que ahi se fez para se obrar o aqueducto da Carioca com as pedras que se descobriram em uma pedreira d'aquella montanha; representando-me que examinando-se novamente a pedra para o dito aqueducto, se achava capaz pelo que continuava a obra, que faltava explicar-te no ajuste o custo da conducção, por ser a pedreira na parte por onde passa o aqueducto, no meio da distancia que na montanha ha do seu nascimento d'essa cidade, e não se justavam as tropas pela experiencia haver mostrado que as portas no aqueducto antecedente, as quebraram os negros para divertirem as aguas que até o presente se tinha attendido a extensão do aqueducto e depois de chegar a agua á cidade, pretendeis representar ser util a despeza do coberto de

lage, e ter só substancia sendo de arco de ladrilho o que agora punheis na minha real presença, o que visto se pareceu ordenar-vos torneis a informar com o vosso parecer da despeza que faz a conducção dos canos da pedreira em que se lavram até se assentarem no aqueducto, ainda que bem se infere será menor que a da cidade ás montanhas por onde vem, e outrosim informareis quantas varas de cano se intentam cobrir de arcos de ladrilho como agora propondes, a qual obra mandareis pôr em lanços e dareis conta do menor que ouvir para se examinar e resolver se convem fazer-se; e os canos que tem ido com suas tapadouras de lagens se poderão e terão assentado em partes altas onde os negros não cheguem para as quebrarem, o que tambem se lhes difficultava estando as tapadouras bem unidas nas renhadouras que os canos levavam, entendendo-se que estas cobertas são mais a proposito para com facilidade se poderem concertar e a limpar os canos sendo necessario, do que será com os arcos de ladrilhos que será preciso desfazerem-se para isso, ficando tambem expostos á barbaridade dos negros, contra os que e qualquer outra pessoa que desfizer e quebrar o aqueducto e suas cobertas, deveis mandar proceder na fórma dos direitos e bandos que a esse fim se tem publicado. El-Rei nosso senhor o mandou por T. J. da C. Côrte Real e pelo Dr. Antonio Freire de Andrade Menezes, conselheiro do seu conselho ultramarino e se passou por duas vias. Theodoro de Abreu Bernardes a fez em Lisboa a 2 de Maio de 1747. O conselheiro A. F. de Andrade Henriques a fez escrever.

T. J. da C. Côrte Real.
Antonio Freire de Andrade.

DOCUMENTO

relativo á historia do Brasil d'Armitage.

CARTA ENDEREÇADA A EVARISTO FERREIRA DA VEIGA. (*)

Boulogne sur mer, 21 de setembro de 1836.

Carissimo Sr. Evaristo. — Mando-lhe esta junto com uma copia da minha *Historia do Brasil*. Segundo os conselhos do livreiro inseri sómente duas estampas, mas o Sr. verá que uma foi a sua, como devéras era necessario visto que o Sr. é o meu heróe do 2.º tomo.

As duas estampas foram gravadas em aço em primeiro lugar, porém, foram tão pouco semelhantes que eu não consenti que sahissem á luz, e assim foram engeitadas e substituidas por lithographia. Não será preciso dizer-lhe quanto dissabor e quanta demora isto me tem causado.

Tenho estado alguns dias em Paris, porém estava com tanta occupação que nunca achei occasião de entregar as cartas de introducção ao ministro brasileiro, e á F. de Salles Torres Homem, que o Sr. tenha a bondade de dar-me. Comtudo isto não diminue as minhas obrigações para com o senhor.

Tera talvez ouvido de alguns de meus amigos no Rio que estou para partir para a India, aonde tenho formado uma sociedade com termos muito vantajosos para mim, e assim não é provavel que havemos de encontrarmos mais n'este mundo. Mas emquanto a vida tivermos sempre terá Vm. um amigo sincero em

John Armitage.

P. S. Dê-me sempre as suas noticias por via de Inglaterra.

(*) Copiando fielmente do autographo que existe no archivo do Instituto nenhuma alteração fizemos na orthographia, nem na linguagem do auctor.

Nota da Redacção.

MEMORIA

sobre o forte do mar em Pernambuco

ACOMPANHADA DA PLANTA E PERFIL (*)

POR

ANTONIO BERNARDINO PEREIRA DO LAGO,

Tenente coronel do real corpo de engenheiros, e correspondente do real archivo militar, e destacado na capitania de Pernambuco.

Offerecida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro

PELO

SR. L. A. DA CUNHA MATTOS.

Esta Villa do Recife, que tem seu assento na Capitania de Pernambuco, famosa. e rica por feitos, e commercio, é situada no seu maior comprimento, Norte-Sul; e por Leste lhe corre o cabedal de dous rios, que se encontram com o mar, a cujo lugar de encontro chamam Mosqueiro, onde os Navios dão fundo e descarregam, o qual tem de largura por termo medio 100 braças (*a*): serve-lhe de abrigo da parte do Mar uma continuação de rochedo, elevado entre 10, e 12 palmos sobre a baixa-mar de aguas vivas, a que chamam Recife. o que deu o nome a esta povoação, que antigamente se lhe chamou Ilha dos Pescadores, Ilha de Antonio Vaz, e no tempo dos Hollandezes, Mauricea: quasi no fim d'aquelle Recife onde faz quebra, e fórma a barreta ou barra do Sul, é o forte, conhecido com o nome do Picão, ou do Mar, que vem a ficar em 8° 4', 5 Lat. Sul, e 8° 10, 9 Long. O,cc. do Rio de Janeiro. Será pois o objecto d'esta pequena Memoria, a qual fiz, assim como a planta e perfil, que a acompanha, segundo as instrucções do Real Archivo Militar. Fallarei das antiguidades d'este forte, depois da sua actual fortificação e por fim da sua importancia.

(*) Não appareceu esta planta.

Não havendo na Secretaria do Governo, nem eu achando em archivo alguns assentos sobre a fundação do forte, guiar-me-hei pelo que das historias, e Memorias (b) que agora tenho diante dos olhos se póde colher. Desde 1500 em que Pedro Alvares Cabral descubriu (como diz um Poeta nosso) o *Brasil não buscado*, até 27 de Setembro de 1535, em que a Pernambuco chegou Duarte Coelho, seu donatario, feito pelo Senhor D. João III.°, nada fortificado consta, nem é de presumir, que houvesse. Do donatario para cá é natural, que não só cuidassem em povoar, como tambem em defenderem-se dos Indios, mas não podemos assignalar com certeza essas epochas; sabe-se porém, que quando Luiz Diogo de Oliveira em 1628, então governador do Brasil, por avisos que da côrte recebêra, mandou a esta capitania o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama para fortificar Pernambuco, este só trabalhou em cercar a Villa de Olinda (c) com trincheiras, e o Recife, (como elle mesmo se explica) com pallissadas de páos a pique. Chega depois em 1629 Mathias de Albuquerque, nomeado general para a defesa do Brasil, e approvando tudo, quanto tinha feito Pedro Corrêa sobre fortificação, fez depois de acordo com este só um pequeno reducto, que já não existe, chamado então Guarita de João d'Albuquerque, para cá da villa, e de resto só se empregou em augmentar a tropa, porque, toda a que achou regular foram 130 soldados pagos, nas tres companhias de André Pereira, de Martim Ferreira, e de Francisco Tavares; em montar a artilheria que havia, e repartir esta força combinada pelos differentes pontos. Ora que o forte, de que tratamos existia no anno, em que os hollandezes aqui entraram, se prova pelo facto, de que em 15 de Fevereiro de 1630 este forte fez fogo á esquadra hollandeza (d), quando pretendendo desembarcar gente no Páo amarello, duas leguas ao Norte de Olinda, fingia demandar a barra do Recife, para melhor encobrir o seu ataque. Prova-se mais que já existia no tempo da invasão hollandeza, porque diz a historia fallando dos hollandezes, davam-lhe muito cuidado as forças, que defendiam a barra, e eram duas, a do mar, e a da terra ». Finalmente se mostra a sua existencia já n'aquelle tempo, pois que a sua entrega foi a 2 de Março de 1630, sendo d'elle commandante o capitão Manoel Pacheco, o que só fez, depois que estava falto de agua,

e lhe constar que tambem já se tinha rendido o forte da terra (*e*). Fica por tanto provada a existencia d'este forte no tempo da entrada dos hollandezes, conhecido então com o nome de forte de S. Francisco ou da Lagem (*f*). Passemos a ver a sua fortificação actual.

Debaixo da mesma escalla, e com a mesma razão de 150(), com que tenho sempre levantado todas as plantas dos fortes e baterias d'esta capitania, levantei tambem a planta, que acompanha esta Memoria: o seu perfil porém foi na razão dupla da outra. Se remontarmos aos tempos mais distantes em que todavia já appareciam idéas de fortificação, encontraremos sempre a imaginação de differentes fortificadores tão fecunda em apresentarem tão diversos systemas, e ordens, quanto é impossivel marcal-os: ou recordemos grandes troncos de arvores enterradas, ou dobradas linhas de páos a pique, ou muros de grande elevação, com rasgamentos alternados, ou mesmo as torres redondas e quadradas, e já unidas por meio de longas cortinas, ainda até aqui poucas alterações; seguem-se-lhe os baluartes, contorna-se a linha magistral por differentes modos, e por uma longa serie de annos são successivas as mudanças; vem a invenção do Recochete, usado pela primeira vez em Ath em 1697, trazendo a épocha mais brilhante de dirigir o ataque, fez tambem por isso conceber aos engenheiros o espirito de diversos systemas, e innovações.

A disposição, a figura, a grandeza e relação das differentes partes de qualquer obra fortificada, podendo pois variar de tantos modos, póde portanto conceber-se um numero tal de diversos systemas, que seja quasi impossivel designal-os, sobre o que diz com toda a critica um auctor italiano « e com tudo os seus progressos não augmentam em proporção da facilidade, que tem havido de os produzir de novo. »

O forte de que trato, continuando-lhe este nome, pelo qual é conhecido n'esta capitania, é mais outra prova do que acabo de dizer, não sendo ainda este dos que mais admiração deve causar, attentas as circumstancias e o tempo, em que foi feito. A sua figura, como mostra a planta é um Enneagono, e é quanto se póde dizer, olhando exteriormente, mas eu devo classifical-o, sé é possivel.

Não sendo esta obra de fortificação exactamente o que

dizemos cavalleiro, nem o que se diz a cavalleiro de outra, não só por lhe faltarem para tal as necessarias regras, como por não ter o uso, que se costuma dar aos cavalleiros, ou seja de proteger as que defendem o baluarte, ou para accrescentar a defesa de flanco, ou melhor dominar a campanha, ou cobrir subterraneos, &c., me parece poderei tratal-a como torre, pois ainda que os antigos nos não dêem exemplo se não das redondas e quadradas, que uniam entre si de lado ou flanco grandes cortinas, esta comtudo a podemos encarar como torre, posto que de 9 lados, comtudo proximamente redonda. E' a irregularidade a marca de todos os fortes d'esta capitania, e os lados d'este são desiguaes entre 27 e 30 palmos, o que o faz igualmente considerado como Polygno irregular, cujos angulos são todos salientes, e cuja diagonal, ou sua maior largura, é de 77 palmos. O seu commandamento sobre o Recife é 28 palmos, e sobre a preamar de aguas vivas, póde com pequena differença estimar-se em 24, porque a maior differença de nivel do Recife, considerado em si mesmo é de 6 palmos, e relativa á baixa-mar, é de 10 a 12. O seu parapeito tem apenas de grossura 5 palmos, e de altura 4, como mostra o perfil, de sórte que póde dizer-se que a artilheria está á barba. As dimensões dos differentes, mas poucos alojamentos se pódem ver nos córtes, representados no perfil da obra, assim como a grossura e vão das abobadas e taludes das muralhas. Monta esta torre, ou reducto, conhecido por forte do mar, 6 peças de 24: uniformidade esta de calibres, tão necessaria, que se deve ao Exm. general d'esta capitania, quando em 1809, que o mandou em partes reedificar, lhe fez tirar as differentes que tinha e substituir-lhe estas, unicas que lhe convém e que pódem desafogadamente trabalhar alli.

O seu actual commandante é um major, e a sua guarnição um pequeno destacamento do regimento de artilheria, mas em tempo de guerra effectiva póde bem alojar 72 soldados, que pódem fazer uma boa defesa.

Resta fallar da sua importancia, que como esta tem relação estreita com a sua localidade, descreverei primeiro a sua situação. Desde 6° a'é 18° lat. S. corre quasi parallelamente a esta costa do Brasil um banco de pedra, chamado Recife em partes alagado, e n'outras descoberto, (*g*) afastando-se

ora mais, ora menos da costa, e fazendo nas suas quebras ou aberturas differentes barras, este na frente, isto é, a Leste da povoação distante, como já disse, de 114, 907 braças portuguezas apresenta-se-nos muito descoberto em baixa-mar, de aguas mortas, e quasi todo na de aguas vivas, segundo a regular differença de umas para outras aguas, que anda de 7 para 8 palmos, (*h*) e na preamar é em partes 6, e em outras 10 pollegadas mais baixo, tendo na sua maior largura descoberta, que bem apparece, 24 braças. (*i*)

Esta maritima-muralha (permitta-se-me esta expressão) é a primeira defesa natural d'esta villa do Recife de Pernambuco, que a natureza parece, formou para que quebrando alli o mar a sua força servisse de abrigo aos navios fundeados a Oeste d'elle, e que a sua grande elevação e capacidade offerecesse um solido alicerce para vantajosas fortificações defensivas; é pois quasi na ponta do Norte do mesmo, que está o forte do mar, em distancia á barreta 535, 3 pés inglezes. (*l*)

Portanto com a idéa da topographia d'esta villa, da situação do Recife e da barra do Sul, vê-se logo sem mais demonstração, a necessidade e importancia d'este ponto para a defesa do porto, os navios na entrada ficam debaixo do tiro exacto, do forte segundo a distancia ácima dita, elle cruza o seu fogo com o do forte do Brum, de que em outra memoria fallarei, e ainda que pequeno as mesmas 6 peças pódem jogar artilheria em todos os sentidos, e até póde admittir lança de ballas ardentes: protege e defende pois a barra, e póde muito incommodar, e trazer afastados os navios inimigos; é porém de sentir, que sendo este ponto o mais interessante para a defesa maritima do porto não fosse melhor aproveitado com obra de maior fortificação. Por Leste nenhuma embarcação nem grande, nem pequena, se atreve a chegar, e pela parte da terra, isto é, do lado A, só em baixa-mar lhe pódem desembarcar gente em lanchas, tendo um unico portão que possam forçar, cuja entrada será bem disputada, e impedida pela guarnição, pois ha 3 portões dentro, um sucessivo a outro, e flanqueados todos com seteiras, pelas quaes atire o fuzil, unica defesa que pude accrescentar-lhe quando fui encarregado de uma sua pequena reedificação. Este forte portanto, formando parte de um systema de bateria aca-

samatada, que se adoptasse sobre o Recife na parte d'elle, que melhor cobrisse, e evitasse um bombardeamento a esta villa, seria a meu ver e de todos os officiaes respeitaveis d'esta capitania, a melhor e mais efficaz defesa contra os ataques e insultos que póde soffrer, por tão exposta; Projecto e planta, de que sendo encarregado, fiz e levantei, e já em 22 de Setembro do anno passado foi remettido á secretaria d'estado dos negocios estrangeiros e da guerra.

NOTAS.

(*a*) A distancia exacta foi calculada só da face do Norte do trapixe do rey na perpendicular ao recife de pedra, e achada d'aqui em linha recta, e horizontal em 823,71 pés inglezes, ou 114,907 braças portuguezas de 10 palmos, segundo a razão de 100:139,5 entre o pé inglez, e o palmo portuguez, deduzida dos trabalhos geodesicos do Sr. Doutor Ciera em Portugal, cuja medida dá a facilidade que, 2.540 braças assim deduzidas fazem uma legua das de 20 ao grão: eis porque, não observando de outros pontos, tomo por termo medio a largura de 100 braças de 10 palmos.

(*b*) Castrioto Luzitano: Guerra Brasilica: Lucideno: Memorias manuscriptas dos principaes factos de Pernambuco.

(*c*) Este nome lhe foi dado por Duarte Coelho, admirado da sua bella posição, e desprezando o antigo que tinha pelos Indios, que era Marim. Guer. Brasil. pag. 170.

(*d*) Quando a 14 de Fevereiro de 1630 appareceu a esquadra hollandeza sobre o recife, e que o seu general mandou um escaler a propor que a villa se entregasse, o forte lhe respondeu com repetidas cargas de metralha, sendo então commandante d'elle o brioso tenente Pedro Barbosa.

(*e*) Era o forte chamado S. Jorge, distante do recife para o Norte, onde hoje chamam Cidadella, entre o Pilar e o Brum, e era uma pequena casa, na qual sobre grossas vigas montavam 3 peças de ferro, e com aberturas nos muros para se defenderem apenas dos Indios, mas que no tempo de Mathias de Albuquerque se engrossaram por fóra, e se altearam, que assim mesmo por alguns dias resistiu

(*f*) Sendo este forte uma das mais importantes fortificações, que ha n'esta capitania, resulta-nos muito prazer de apparecer provada a sua existencia antes dos hollandezes, contra o que falsamente se assevera em um jornal portuguez, que diz *o que ha bom n'esta capitania só é obra d'elles*. Não fallo agora das muitas obras importantes, feitas pelo actual respeitavel, sabio, e prudente general, porque d'estas a seu tempo tratarei.

(*g*) Se fallarmos do seu total comprimento (digamos assim) não visivel, mas existente, é segundo referem, os que navegam de cabotagem, desde o Maranhão até para o Sul dos Abrolhos.

(*h*) Desde que observo estas differenças das aguas mortas ás aguas vivas tenho achado em 1812 de 7 palmos e 5 polleg. —Em 1813 de 7 palm. e 4 polleg. —Em 1814 de 9 palm. e 1 polleg.

(*i*) Suas differenças de nivel absolutas, e relativas, sua configuração e tortuosidades podem ver-se na planta do porto e marinha d'esta villa, que remetti para o real archivo em Dezembro de 1810.

(*l*) Esta distancia é exacta, e terminada por uma cadeia de triangulos.

DICCIONARIO TOPOGRAPHICO

DA

PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

POR

BRAZ DA COSTA RUBIM.

> Como as obrigações da patria são tão grandes, parece que toda a vida estamos obrigados a lh'as reconhe cer, cada um, como for possivel.
>
> D. FRANC.º MANOEL DE MELLO.

Com o intento de prestar um pequeno serviço á provincia onde tive o berço, emprehendi alguns trabalhos sobre a sua historia e geographia. Já tive a honra de ler perante o Instituto Historico e Geographico do Brasil, que me ouviu com a sua usual indulgencia, as Memorias historicas e documentadas da provincia do Espirito Santo, e uma Memoria sobre os seus limites: agora venho offerecer-lhe este diccionario topographico, que organisei á vista das informações officiaes e particulares, que pude obter, e dos mappas geographicos, topographicos, e corographicos ineditos ou publicados, antigos e modernos, que todos compulsei. Não é, por certo, ainda uma obra completa, e seguramente alguns erros deve ter, provenientes de informações inexactas mas assim mesmo tem sua utilidade, e mais tarde as correcções que se lhe fizerem, o tornarão acabado e perfeito.

A.

Acharia, ponta de terra na margem Sul da entrada da bahia do Espirito Santo, perto da fortaleza de São Francisco Xavier.

Afflictos, serra proxima á estrada de São Pedro d'Alcantara entre os antigos quarteis de Villa-Viçosa e Monforte: é muito alta e difficil de subir, d'ahi lhe veio o nome.

Agá, povoação na margem de um sacco 4 leguas ao Norte da embocadura do rio Itapemirim, e 2 leguas ao Sul da do rio Piuma, perto do morro de que tomou o nome.

Agá, morro alto, arredondado, e isolado perto de Itapemirim; o pico serve de guia aos navegantes no mar ao Sul da costa da provincia; tem excellentes aguas.

Agua-Fria, povoação no municipio da Victoria meia legua distante de Cariacica.

Aguiar, povoação no municipio de Linhares, á margem da lagôa do seu nome: tem uma escola de primeiras letras.

Aguiar, antigamente—Lagôa dos Indios—: lagôa no municipio de Santa Cruz, 1 ½ legua ao Sul do rio Doce, communica com o rio Comboia: o nome o tomou da povoação que lhe fica perto,

Aguiar, rio no municipio de Santa Cruz, nasce das pequenas lagôas a Oeste da do seu nome, onde desagua.

Aimorés, indios que dominavam na serra do seu nome.

Aimorés, serra, corre quasi na direcção de N. ao SSO a 30 leguas pouco mais ou menos do littoral, e separa pelo O. a parte Norte da provincia do Espirito Santo da de Minas Geraes; está toda coberta de mato virgem.

Alabery. *V*. *Arabiri*.

Alagôa. *V*. *Riacho*.

Aldea-Velha, povoação no municipio de Guaraparim sobre a margem esquerda do rio d'este nome: tem uma escola de primeiras letras,

Aldea-Velha, rio no municipio de Guaraparim, que segue até á povoação do seu nome.

Alegre, ribeirão no districto de Itapemirim, desagua no Itabapoana.—Freguezia. *V*. N. Senhora da Conceição do Alegre.

Aleixo, canal no municipio de Guaraparim, parte de onde termina o rio Aldêa-Velha até ao lugar do Aleixo tem 16 palmos de largura.

Alemquer, quartel na estrada de São Pedro d'Alcantara, hoje extincto.

Alexandre, ilha no rio Doce.

Almas, nome que erradamente em algumas cartas geographicas da provincia, se dá á lagôa das Palmas.

Almeida. *V. Nova Almeida*.

Alva, ou *Ribeirão da Lage*, nasce no sertão e desagua no rio Doce.

Alves, rio que nasce no sertão, e entra pela margem esquerda no rio Doce poucas leguas abaixo do quartel de Sousa.

Amanaçú, *Amanassú*. *V. Manhuaçú*.

Anadia, rio que nasce de uma lagôa, e desagua na margem direita do rio Doce.

Anadia, quartel na foz do rio do seu nome.

Andorinhas, ilhota de pedra a Oeste da ilha dos Frades na bahia do Espirito Santo.

Andorinhas, baixo na costa do municipio de Itapemirim.

Angelim, rio no municipio da barra de São Matheus, desagua no rio Itauna.

Anna-Vaz. ilha na bahia do Espirito Santo.

Anselmo, ilha no rio Doce, perto de Linhares, tomou o nome do primeiro individuo que n'ella teve culturas.

Apiaputang nome primitivo do rio dos Reis Magos.

Arabiri, esteiro na margem Sul da bahia do Espirito Santo entre o Pão de Assucar, e a ponta da Pedra de Agua.

Araçatiba, povoação no municipio do Espirito Santo, e na margem direita do rio Jucú, tem uma igreja da invocação de Nossa Senhora da Ajuda.

Araraquara, rio que desagua da parte do Norte do rio de Benevente.

Arêa, ilha na barra do rio Doce.

Arêa, ilha no riacho na parte em que elle tem mais largura, quasi em frente da sua embocadura.

Arêa, rio no municipio da Victoria; desagua no rio de Santa Maria.

Aribiri, V. *Arabiri*.

Aricanga, serra no municipio de Santa Cruz.

Aroaba, rio na freguezia do Queimado, municipio da Serra, desagua na margem esquerda do rio de Santa Maria.

Aviz, quartel no municipio de Linhares á margem da lagôa do mesmo nome.

Aviz, dava-se primitivamente este nome ás tres pequenas lagôas a Éste de Linhares, descobertas em 1815, e hoje está circumscripto á primeira d'ellas, denominando-se as outras Piabas e Meia.

B.

Balanço, ponta de terra defronte da foz do Alva ou Ribeirão da Lage, na margem Norte do rio Doce, e assim chamada, porque tinha uma arvore onde os botocudos se balançavam atados por um cipó preso no cimo da arvore.

Balêa, recifes á entrada da bahia do Espirito Santo, entre a ponta do Tagano e a de Santa Luzia.

Bamburral, brejo no municipio de São Matheus.

Barão, quartel na estrada de São Pedro de Alcantara a 4 leguas do aldeamento Imperial Affonsino.

Barcellos, povoação no municipio de Vianna, entre São João Nepomuceno e Sambambaia, a 12 leguas da villa de Vianna; foi originariamente um quartel da estrada de São Pedro de Alcantara.

Barra, fortaleza na ponta de terra a Éste da villa do Espirito Santo.

Barra de São Matheus, ou simplesmente *Barra*, villa na margem direita e na embocadura do rio de São Matheus, a 3 leguas ao Suéste da cidade d'este nome; o seu termo divide-se com o de São Matheus pelo riacho da Pedra de Agua debaixo pertencendo-lhe o territorio que se acha a Éste do referido riacho; ao Sul com a freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Linhares pela Barra-Secca; e ao Norte com a provincia da Bahia. As ruas são direitas e espaçosas; uma escola de primeiras letras; um patrão-mór encarregado da barra; 524 fogos, 2.251 hab. Cult. café, mandioca.

Barra-do-Muqui, povoação no municipio de Itapemirim; confronta a Éste com o districto de Itabapoana pelas duas barras; ao Oeste e Norte com o do Alegre sem limite definido; ao Sul com a provincia do Rio de Janeiro por Santa Catharina das Mós.

Barra-do-Rio-do-Castello, povoação no municipio de Itapemirim.

Barra-do-Jucú, povoação na freguezia de Cariacica, municipio da Victoria.

Barra-Secca ou *Itabapuana*, rio no municipio da villa da Barra de São Matheus, nasce na lagôa Tapada ou Barra-Secca. e desagua no mar 10 leguas ao Norte da embocadura do rio Doce; dá passagem em maré vasia.

Barreiras, rio mencionado nas cartas geographicas antigas da provincia do Espirito Santo, e parece ser o mesmo que hoje tem o nome de Carapebûs.

Barreirinhas, pontas no rio Doce que o estreitam ao ponto de não ter mais n'esse lugar do que 80 braças de largura, mas com 30 palmos de fundo.

Batatal, serra entre as cabeceiras dos rios Jucú e Benevente.

Batatal, pequeno rio que nasce na serra do seu nome, e desagua na margem esquerda do Rio Benevente.

Benevente, porto formado pelo rio do seu nome; nas marés grandes tem na preamar 11 palmos de fundo, e na baixa mar 5; nas marés pequenas tem na preamar 8 palmos de fundo, e na baixa mar 6; nas marés cheias de Março e Agosto tem 10 a 11 palmos de fundo. O ancoradouro é pouco acima da foz do rio, e em frente da villa, n'elle sómente fundeam sumacas de 50 a 80 tonelladas, porque ha uma corda de recifes que toma quasi toda a enseada, deixando-lhe apenas um pequeno canal para a passagem das embarcações.

Benevente ou *dos Castelhanos*, ponta ou cabo do lado do Norte do porto do seu nome.

Benevente, antigamente Inritiba Rerigtiba: rio no municipio de Benevente; nasce na serra geral quasi 2 leguas ao norte do rio Piuma, corre em direitura para Éste por espaço de 10 leguas, regando o municipio do seu nome, e entra no mar 6 leguas ao Norte de Piuma na lat. de 20° 55' 21" e long. 43° 9' 39"; é navegavel para lanchas de pescaria e barcos até á distancia de 6 a 7 leguas, e d'ahi até ao cachoeiro da serra por canôas com tres palmos de fundo.

Benevente, villa no lado esquerdo da fóz do rio do mesmo nome, e na falda de uma collina, 15 leguas ao Sul da Victoria e 25 leguas ao Nordeste de Campos: os seus limites são: a Éste com o oceano; a Oeste com o districto do Cachoeiro por parte da linha norte-sul tirada da marca do collegio:

ao norte com o municipio de Guaraparim pela lagôa Marimbá; e ao Sul com o districto de Piuma pelo rio Iriri: o seu termo divide-se a Este com o Oceano ao Oeste e Sul com o termo de Itapemirim pelo norte Agá, no litoral e para o centro por uma linha tirada Este-oeste, sendo indeterminado o limite Oeste: e ao Norte com o termo de Guaraparim pela lagôa Marimbá. A antiga casa dos jesuitas serve para as sessões da camara municipal, jury e uma parte para a cadêa. Tem uma aula de latim e outra de primeiras letras, 5 8 fogos, 4,157 hab. comprehendendo o districto policial de Piuma. Cult. café, algodão, mantimentos: córte de madeiras de lei.

Bento Ferreira, ponta de serra na margem Norte da bahia do Espirito Santo e a Oeste da ponta de Suá.

Bexigas, ilha no rio Doce pouco ácima da foz do rio Preto: é mais comprida do que larga, baixa, alagada nas cheias: o nome lhe veiu de ter servido de lazareto em uma epidemia de bexigas; já foi maior e bem plantada, mas as cheias a tem demolido.

Biririca, ribeiro no municipio de Santa Cruz, desagua no rio Preto.

Biririca, ribeirão que nasce na margem Norte da estrada de S. Pedro d'Alcantara, a qual atravessa e lança-se no Jucú pela margem esquerda.

Biririca, aldeamento fundado em 1843 perto de S. Matheus com indios, que o abandonaram, retirando-se para as bandas do Mucurí.

Boa-Vista, quartel na estrada para Campos.

Boi, ilha na bahia do Espirito Santo, é cultivada e tem agua potavel: entre esta ilha e a fortaleza de Piratininga, é o ancoradouro de quarentena.

Boipeba, rio que desagua no Maricará pouco abaixo do sitio do Cardoso.

Bom Jesus, ribeirão que nasce na margem norte da estrada de S. Pedro d'Alcantara, e desagua na margem esquerda do Jucú.

Borba, primeiro quartel situado na estrada de S. Pedro d'Alcantara, á margem do rio de Santo Agostinho, municipio de Vianna. Houve outro quartel com esta denominação, que por ficar muito proximo da povoação se extinguiu.

Braço do Norte, rio no districto de Mangarahi.

Bragança, povoação, 8 leguas ao Oeste da villa de Vianna na foz do rio do seu nome; deve a sua origem a um quartel da estrada de S. Pedro d'Alcantara; tem uma capella.

Bragança, rio que nasce na serra onde tem suas cabeceiras o Mangarahi, e desagua na margem direita do rio de Santa Maria.

C.

Cabapuana. *V. Itabapuana*.

Cabeça-Quebrada, serra no districto de Guaraparim.

Caçaroca, brejal e pequenas lagôas formadas pelas aguas das chuvas, e das que descem das pequenas vertentes dos morros circumvisinhos.

Cachoeira, ribeiro que nasce n'uma serra sem nome, e desagua na lagôa Juparanã.

Cachoeira, ribeirão que nasce na serra de Mestre Alvaro.

Cachoeira, serra pequena na margem do rio Pardo.

Cachoeiro, freguezia no municipio de Itapemerim; confronta a Este com o districto de Piuma por uma linha tirada da marca do Castello aos Cachoeiros; a Oeste com o de Alegre pelo morro Secco: ao Norte com o de Vianna sem limite fixado; e ao Sul com o da barra do Muqui pelas vertentes do Muqui em direcção ao Calçado.

Cachoeira de Fóra, povoação na freguezia de Cariacica, tem uma escola de primeiras letras.

Cachorros, ponta de terra no rio Doce perto da embocadura do rio Preto.

Cafarnaú, pequeno rio que desagua no rio do Castello.

Caieiras, ilhas no Lameirão, ficam no limite Norte da cidade da Victoria.

Caioaba, sertão no municipio da Serra.

Caioaba, rio no municipio da Victoria nasce no sertão do seu nome, e desagua no rio de Santa Maria pela margem esquerda.

Calamba, rio que serve de divisa ás freguezias de Cariacica e Queimado.

Calçado, *V. S. José do Calçado*.

Calhão, ilhota na estrada da bahia do Espirito Santo, entre a ponta do Tagano e a de Santa Luzia.

Calhetas, ilhotas de pedra que ficam ao Nordeste da ilha do Boi na barra da bahia do Espirito Santo.

Calvadas, ilha na bahia do Espirito Santo ao Sul da barra.

Camapuam. *V. Itabapuana*.

Camargo, lagôa pequena na margem esquerda do rio Doce entre a lagôa do Veio e a de Campo para onde descarrega as aguas que recebe de um pequeno rio.

Cambê, lagôa que fica na divisa dos districtos de Cariacica e Mangarahi.

Camboapina, canal que separa o municipio do Espirito Santo do de Vianna, communica do rio Jucú á bahia do Espirito Santo.

Campo, pequena lagôa a pouca distancia do mar, e na margem esquerda do rio Doce, recebe as aguas da lagôa do Camargo.

Campo, serra muito alta fronteira ao quartel da villa do Principe na divisa da provincia do Espirito Santo com a de Minas Geraes; a sua base é banhada pela margem occidental do rio Guandú.

Campo do Riacho povoação á margem do Riacho, 7 leguas ao Sul do rio Doce, e ½ legua acima da sua foz.

Cangaiba, povoação na freguezia de Cariacica, tem uma escola de primeiras letras.

Canto da Panella, corrego no districto de Guarapari.

Capuaba, morro na margem Sul da bahia do Espirito Santo, fronteiro á cidade da Victoria.

Capuba, rio no municipio de Nova-Almeida.

Carahi, rio pequeno entre o Una e o Jucú.

Carahipe. *V. Jacarahipe*.

Carapebús antigamente *Barreiras*; ribeiro que desagua no mar 1 legua ao Norte da ponta de Pirahem.

Carapina, freguezia com a invocação de S. João no municipio da Victoria. Confina a Este com o Oceano; ao Oeste com o districto de Cariacica pelo rio de Santa Maria, e com o do Queimado pelo porto do Una e rio Tangui; ao Norte com o municipio da Serra pelo rio Manguinhos no littoral e depois pela linha tirada á malha do mestre Alvaro; ao Sul com o districto da Victoria pelo braço do mar, Passagem. 286 fogos, 1,336 habit.

Carapina, rio que desagua na margem esquerda do rio de Santa Maria, e é o seu ultimo affluente.

Carapuças, ilhas no rio Doce em uma bacia de mais de 200 braças de largura; estas pequenas ilhas, conforme a posição que se occupa navegando pelo rio, causam diversas illusões: ao longe umas representam castellos gothicos e outras parecem tumulos; de mais perto, umas assemelham igrejas com suas cupulas, outras imitam carapuças; são alagadas na estação das enchentes.

Cariacica, rio, nasce no Muxanára e serra adjacente, corre quasi na direcção de Oeste-éste com 2 ½ leguas de curso, desagua na bahia do Espirito Santo ½ legua abaixo do rio de Santa Maria: na foz alarga muito, e fórma um pequeno porto, é navegavel por canôas.

Cariacica, freguezia na margem septentrional do porto do mesmo nome, municipio da Victoria, 1 legua ao Nordeste d'esta cidade, e 4 leguas Ésnordéste de Vianna: seu termo confronta a Éste com o districto da Victoria pelo Lameirão desde o porto da pedra até ao porto Velho, e com o de Carapina pelo rio de Santa Maria; a Oeste e Sul com o de Vianna pelo rio Itaquari até a sua foz no rio Marinho; e ao Norte com o de Mangarahi pelo rio Tauá até ao lugar Boipeba, e d'ahi até á lagôa de Cambé, e d'esta ao rio Calamba em direitura ao centro Sua igreja tem a invocação de S. José; uma escola de primeiras letras.

Carioca, rio no districto de Guaraparim.

Carmo, fortaleza no centro da cidade da Victoria que servia para sua defesa, e é aquartelamento.

Cascalho, rio que nasce em lugar desconhecido, e desagua na margem esquerda do rio Preto.

Castelhanos, ponta de serra no Norte da enseada de Benevente.

Castello, rio que nasce na mataria da margem Norte da estrada de S. Pedro d'Alcantara, recolhe pela margem esquerda o ribeirão Viçosa.

Castello, serra aurifera.

Cataia, rio no municipio da Serra.

Cávada, rio que nasce em lugar desconhecido, e depois de cortar varias vezes a estrada de Vianna a Ourem lança-se no Jucú pela margem esquerda.

Cavallo, pedra á flôr d'agua na entrada da bahia do Espirito Santo.

Caxanga. V. Itaperirim.

Caxixe, povoação antiga nas cabeceiras do Itapemirim, que foi destruida pelos indios.

Caxixe, rio que nasce na serra geral, e se lança no rio Castello pela margem esquerda.

Caxoeiro, corrego no districto da Serra.

Cedro, rio pequeno, nasce na serra Batatal, e desagua na margem esquerda do rio Benevente.

Céo, morro que fica nos limites da freguezia de S. José do Queim do.

Chapéo, ribeirão que nasce na margem Norte da estrada de S. Pedro d'Alcantara, a qual atravessa, e vai desaguar na margem esquerda do rio Jucú.

Chapéo de Sousa, grande morro na margem Norte do rio Doce proximo ás Escadinhas: tem a configuração de um pão de assucar, é de pedra, negro e coberto de gravatá

Chaves. era o 8.° quartel da estrada de S. Pedro d'Alcantara, pouco distante do rio Pardo, a 24 leguas de Vianna.

Claro, rio que nasce na serra proxima a Ourem, e depois de varias voltas atravessa a estrada que d'aquelle ponto vai a Vianna, e lança-se no Jucú pela margem esquerda.

Coimbra, a maior ilha do grupo, tres ilhas do Sul no rio Doce; é alta, não se alaga com as cheias; e póde ser cultivada; o nome lhe veiu do primeiro individuo que n'ella fez plantações de arvores fructiferas.

Combê. V. Cambê.

Comboio, quartel a pequena distancia do mar, e 3 leguas ao Sul do rio Doce, a 4 leguas do quartel do Riacho: foi fundado em 1800.

Comboio, rio estreito que desagua no Riacho, é assaz piscoso de tainhas, robalos, jundiás, carapebas, piáus, acarás, taraguiras e morobás.

Comboio, ponta no costão entre as barras do Riacho e Doce.

Comprida, ilha no rio Doce na altura de Linhares.

Conceiçao da Serra ou simplesmente *Serra*. V. esta palavra.

Considerado, rio que nasce em lugar ainda desconhecido,

e depois de varias voltas em que corta cinco vezes a estrada de Vianna a Ourem, lança-se no Jucú pela margem esquerda.

Corrego Rico, antigamente rio *Pardo Pequeno*, deslisa se pela falda oriental de uma serra entre Monforte e Sousel; a sua denominação provém de ter-se-lhe encontrado granitos de ouro.

Costa, rio no municipio do Espirito Santo; serve de esgotamento aos campos, desagua entre os morros Moreno e Penha, junto d'aquelle, dentro da bahia, com 4 braças de largura na foz; arrasta nas enchentes copia de arêas.

Cotaché, rio, nasce na serra dos Aimorés, e entra na margem esquerda do rio de S. Matheus, perto da sua cabeceira, senão é uma d'ellas.

Cratauhira, morro no districto da Victoria.

Cricaré, V. *S. Matheus*.

Cruz ilha no rio Doce pouco abaixo do corrego Terra-Alta, e assim chamada porque n'ella teve plantações José da Cruz filho de outro.

Cruz-das-Almas, ponta de terra na margem Sul da bahia do Espirito Santo, e vem a ser a extremidade Oeste da praia de Maria Lemos.

Curindiba, rio que nasce na serra do Batatal, e desagua na parte do Norte do rio de Benevente.

Curipé, rio que desagua na margem direita do rio de Santa Maria.

Curubixá, *Crubixá*, *Crubrixá*, ribeiro que desce da serra geral por entre rochedos, em as quaes se encontram especies de *dentalius* de que os indios faziam collares e pulseiras com que se enfeitavam; desagua na margem direita do rio de Santa Maria; não é piscoso.

Curubixá-mirim, ribeiro, desagua na margem direita do rio de Santa Maria, abaixo do Cachoeiro.

Cutinga, rio. *V. Benevente*.

D.

Destacamento. V. *Piriqueaçù* (povoação).

Destacamento-de-Duas bocas, lugar no districto de Cariacica, tem uma escola de primeiras letras.

Doce, riacho ao Norte do rio Itauna, limite da provincia

do Espirito Santo com a da Bahia, desagua no oceano, dá passagem em maré vasia.

Doce, *rio d'agua doce*, como se acha designado nas antigas cartas geographicas. Nasce este rio com o nome de Chopotó na provincia de Minas Geraes em um grupo de morros situados 10 leguas a Éste da cidade de Barbacena; corre rumo Norte e Nordéste por espaço de 30 leguas pouco mais ou menos n'um leito semeado de recifes, onde se succedem umas ás outras as cachoeiras Pirapora abaixo da juncção do ribeiro Boajuba, Jumirim, Antas onde começa a navegação, e seis leguas abaixo a dos Oculos com 5 braças de altura uma legua abaixo a Jacutinga com duas braças de altura, a Ponte Queimada, e o grande salto do Inferno. Recebe o tributo do Piranga pela margem esquerda acima da povoação do Columbáo, e o Turvo pela direita. Abaixo da emboccadura do Piranga afasta-se para o Nordéste, e recebe as aguas do Guallacho, precipitando-se depois na ultima d'aquellas cachoeiras toma o nome de Doce, correndo depois por um leito menos inclinado recebe pela direita os Nós da Casca, Matipó, Sacramento Grande, e pela esquerda o Sacramento Pequeno, Mambaca, e o Piracicaba, segue se depois pela direita os ribeirões Entre Folhas e André-Vaz, e seis leguas mais adiante despenha-se na cachoeira Escura; tres leguas depois recebe pela esquerda o Santo Antonio, e pela direita o ribeiro dos Bugres, e 8 leguas depois o Correntes; seguindo-se encontra-se a cachoeira Bagauriz, ahi porém se dividem as aguas, as quaes tornam a subdividir-se antes de se ajuntarem n'uma especie de bacia formada por algumas ilhotas que se estendem obra de 2 leguas; toma depois um curso mais sereno, e recebe pela margem esquerda o Saçuhi-Pequeno e o Cajuim, torna-se outra vez turbulento na pequena cachoeira Ilha-Brava, na da Figueira muito mais perigosa, na serra Beteruna, e com a do Rebojo do capim; 5 leguas mais abaixo o Saçuhi Grande o vem engrossar entregando as suas aguas pela margem esquerda, passado este recebe um sem numero de ribeiros, e faz varias voltas antes de chegar á Cachoeirinha, e mais a diante recebe pela direita o Cuie'é e um pouco abaixo pela esquerda o Larangeira; segue-se pela direita a desemboccadura dos ribeirões João Pinto, Italiana, corre depois magestoso por espaço de 2 leguas, atravessando o Re-

bojo de João Pinto, e 2 leguas abaixo o Rebojo da Onça, passa então a descrever algumas linhas diagonaes chamadas-Voltas do [illegible] — até ir despenhar se no cachoeirão do Inferno; recebe pela esquerda o ribeirão da Casca do Milho, a 2 leguas d'este seguem-se alguns rodamoinhos e a ilha da Natividade, que o divide em dous braços desiguaes, que se vão precipitar por espaço de 2 :44 braças de degráo em degráo nas decant das Escadinhas que comprehende as cachoeiras da Natividade, Urubú, Inferno e Sapocaia; recebe pela direita o Manhuaçú e o Guandú, e entra magestoso com o tributo de tantas aguas na provincia do Espirito Santo, alargando o seu leito, formando formosos estirões, semeado de muitas ilhas, ora em grupos vistosos como o das Carapuças, ora isoladas, recebendo pela direita os rios de Santa Joanna, Santa Maria, e Anadia, e pela esquerda o Pancas, e as aguas das lagôas das Palmas, Juparanã, e Aviz. Desagua no mar aos 19° 36' de lat. S. e 13° 1!' de long. O. dividido em dous braços por uma ilha de arêa E' o rio Doce navegavel em toda a extenção que corre n'esta provincia por barcos que demandem dez palmos, abundante de peixes e tartarugas. A sua entrada livre de recifes, mas de arêa, é perigosa, ora offerecendo duas barras; ora uma, mas sempre com 14, senão mais, palmos de fundo; o segundo perigo é o esganadouro, no caso de acalmar o vento de repente, porque não podendo a embarcação voltar para traz, e correndo o rio sempre para fóra ainda que encha a maré, forçosamente ha de encostar á praia.

Domingos de Sousa, ilha no rio Doce, bastante alta, e não se alaga nas cheias; deve o seu nome ao primeiro individuo que n'ella cultivou.

Dourada, lagôa a 2 leguas da de Aguiar, de fórma irregular, pequena; a sua maior extensão é de Este Oeste; as margens são em varias partes de arêa, e em outras cobertas de capim e lodosas; a agua é boa, crystallina, tem patos e peixes, d'ella partem diversos esteiros que no tempo proprio são cheios d'agua.

Duarte de Lemos, nome que se deu á ilha de Santo Antonio, depois que o primeiro donatario a doou a Duarte de Lemos; é onde está assentada a cidade da Victoria, capital da provincia. Posto que se não dê hoje nome algum a esta ilha, é aquelle o que tem.

Duas Bocas, estrada no districto de Cariacica.

E.

Emboacica, rio no municipio de Benevente.

Encruzio, pequeno rio que atravessa a estrada de Santa Theresa.

Engano. serra assás empinada 1½ legua de Barcellos; passa por ella a estrada de São Pedro d'Alcantara.

Engenho, *Engenho Velho*, rio que é um braço do Guaraparim, pelo qual navegam canôas até ao porto da Gloria onde recebe as aguas do ribeiro Jaboti.

Escalvada. ilha ao Norte da barra do Guaraparim. dista da costa 4 milhas, e podem passar, entre ella e a terra, navios de todos os lotes.

Esmerilhão, ilha na bahia do Espirito Santo, na parte em que ella tem a direcção Norte Sul.

Espirito Santo, porto no municipio da capital; a abertura na barra é de tres milhas desde a ponta do monte Moreno até á do Tubarão na parte do Norte. que é uma pedra que o Mestre Alvaro deita para o Sul A fórma d'este porto é proximamente circular com um diametro de 4 milhas mais ou menos pelas sinuosidades. Nas marés grandes tem na preamar 25 palmos de fundo, e na baixa mar 17: nas marés pequenas, tem na preamar 20 palmos de fundo, e na baixa mar 17; dista da cidade até o lugar onde se marca o fundo pouco mais de uma legua, e da villa do Espirito Santo ½ legua mais ou menos. A profundidade que se determina é a de um banco de arêa ½ legua para dentro dos pontaes: fóra do dito banco tem tres a quatro braças de profundidade, e dentro até ao fundeadouro junto á cidade que tem tres a seis braças. O braço do mar que fórma o porto e fundeadouro circula a cidade da Victoria, e acima d'ella desaguam os rios Marinho, Sant'Anna, Cariacica, Santa Maria e Tangui: pelo lado meridional desagua o Curubixá o canal Camboapina. Nas pedras encontram-se grandes montões de polypos, vulgarmente — burdigão — de que se faz cal, principalmente á beira dos mangues ou nos lugares arenosos e lodosos. Serve este porto para commercio da Victoria, Espirito Santo, Serra, e Nova-Almeida.

Espirito Santo, vulgarmente *Villa-Velha*, á entrada da bahia

do seu nome, a ½ milha para dentro do monte Moreno. confronta a Este com o oceano; a Oéste com o districto de Vianna pela valla de Camboapina em rumo Norte-Sul até o sertão das Palmeiras, e com o districto de Cariacica pelo rio Marinho desde a foz do Itaquari até ao Porto Velho; ao Norte com o districto da Victoria pela bahia do Espirito Santo até ao rio Marinho; e ao Sul com o districto de Guaraparim pela linha Este-Oéste tirada da ponta da Fructa. O terreno é arido e perseguido de formigas, na parte mais fertil cultiva-se café, algodão, mantimentos; pescaria Nas praias do seu districto o mar arroja tanta quantidade de conchas que ficam em montes, principalmente no lugar chamado Rio da Costa. O convento de Nossa Senhora da Penha, situado no cume de uma montanha é obra digna de ver-se. Na villa ha uma fonte publica denominada Inhoá Comprehendendo o districto de Meahipe tem 49? fogos 3?34 h.

Espirito Santo, com este nome indicam algumas cartas geographicas o rio de Santa Maria.

Espirito Santo, provincia que entesta ao Norte com a da Bahia pelo rio Mucuri, pelo Sul com a do Rio de Janeiro por Santa Catharina das Mós. a Oeste com a de Minas Geraes pelas cabeceiras do Itapemirim, corrego José Pedro, espigão da serra de Sousa, e a serra dos Aimorés, e a Este é banhada em toda a sua extensão pelo oceano atlantico Estendendo se desde 18° 3 ' lat S. até 21° 38' e desde o oceano até á serra geral comprehende uma zona de 1 600 leguas quadradas pouco mais ou menos O seu clima temperado é ainda modificado pela viração que neutralisa a acção do sol na estação calmosa. Nos municipios de Linhares pelos trasbordamentos do rio Doce e affluentes, nos da Victoria e Espirito Santo pelas cheias do Jucú e Costa, reinam em Março e Abril as intermittentes, e bem assim no municipio de São Matheus. Na Victoria são frequentes as camaras de sangue devidas talvez á falha de bôas aguas, o que se trata de remediar; á excepção pois d'estas duas molestias, que até certo ponto se podem chamar endemicas, nenhuma outra afflige a povoação com o mesmo caracter.

A serra mais consideravel é a geral, que divide esta provincia da de Minas Geraes, e que nos seus differentes grupos toma nomes particulares; todas as que acostellam parallelas

ou perpendiculares são ramificações, que se vão desdobrando até ao littoral, as mais notaveis são Pico, Guaraparim, Mestre Alvaro, Itaunas.

Em tão pequeno territorio não podia a natureza mimosear com rios mais formosos como os que descem perpendicularmente ao littoral, serpenteando em mil voltas, que ora se aproximam, ora se afastam de outros rios que com elles se cruzam e são seus tributarios: uma grande extenção d'estes rios é navegavel, senão por grandes barcos, ao menos por canôas, e assim prestam grande serviço ao commercio e á lavoura; encontram-se grandes lagôas: quasi todas piscosas, proporcionando meios de alimentar extensos e vantajosissimos canaes.

Ainda uma grande parte do territorio em mato virgem, não é possivel fallar com segurança sobre os mineraes que encerra, sendo bem de presumir, que não ha abundancia, e variedade. Alguns terrenos auriferos se tem começado a explorar, mas por pobres hão sido abandonados. A mina de ferro da Lavrinha julga-se de grande extensão e bôa qualidade; salitre e enxofre na serra do Mestre Alvaro: gesso que os povos aproveitam como substitutivo da cal, em Guaraparim; a tabatinga é frequente, e outras qualidades de argilas, que serão utilisadas nas artes: crystal ou *quartzo hyalino* proximo a Barcellos.

A phytologia é copiosa, variada, e proficua: entranhando-se nas matas admiram-se arvores corpulentas e robustas: outras mais pequenas e debeis: umas produzindo fructos para alimentação ou regalo do paladar, taes são: araticum, araticumpoca, airiri, araçanhuma, coco de quaresma, cabui, genipapo, joá jaboticabeira, maracujá, macauba ou côco de catarro, oiti ou goiti, piquá, pitangueira, pitombo, sapucaia, tucum taboá, e ubaieira: outras cotonigeras o barrigudo: na classe das fibrosas a piassaba e o tacum, piteiras e gravatás; nas oleosas a andiroba, anda-açú, baga ou mamona: nas resinosas almecegueira, aroeira, cabureiba, copahiba, parajá, e taicica; nas que são proprias para carpintaria civil e naval o angelim, caixeta, canella diversas qualidades carvalho, ceregeira, faia, funcho, garauna-parda, grapeapunha, guarabú-açú e merim, guaiaba-do mato, grumarim da-pedra, gitahipeba, inhuiba, ipê, iracui, iracarurú, jacatupê, juerana, jequitibá,

louro, louro preto, maçaranduba, oleo, páo d'arco, paroba, roxo. sepepira, sôbro, tapinhoã, e o camará que unicamente se cria nas capoeiras; nas que se empregam em marceneria e marcheteria, o amarello ou vinhatico, araribá branco, araribá rosa, cabiuna, cedro. gonçalo alves, jacarandá, mocitahiba. pequeá, e sebastião da arruda; na tinturaria o páo brasil, e tatajuba; entre as que tem uso medicinal são conhecidas por suas egregias virtudes o araticum do brejo, assapeixe, alfavaca, abutua, avenca brasileira, babosa, bucha dos caçadores, batata de junça, batata de purga ou abobora do mato, cipó de caboclo, cataia ou herva do bicho, cipó de chumbo cardo santo, chibança ou capitão da salla, embori que tambem é salifera. fedegoso, herva do collegio. herva santa, imbaíba. jarro, japecanga, larangeira do mato, landí, labaça. matapasto, marianinha, mariricó, mentrusto ou mastruço, mil homem, malva da horta, malva da pedra ou azedinha, mendaco ou cabaci· ho de cobra, pimenta de pindahiba, páo para tudo, pimentinha, poaia, páo d'alho, páo pereira, pariparoba ou capeba. samambaia de espinhos, sapê, sassafraz, salsa bombaiona. siporoba, trapoeraba, timbó, tingui, taiánhorom. tiririquim ou fedegoso do mato; e além d'estas ou ras muitas para diversos misteres como a vara de visgo, que serve para alimen'ar o bicho da seda indegena; o peripiri. que dá palha para esteiras; uricana para cobrir casas; ubá ou canna brava para frechas; taquara, taquari, taquaruçú para muitos usos conhecidos.

Na zoologia temos a mencionar a anta, capivara, coatí, coatí mondé, gambá, guachinin, lontra, macacos (diversas qualidades) onça, paca, porcos, preguiça, raposa, tamanduá. hirara, cotia, veados.

Na ornithologia a andorinha azulada, anú, araçarí, araruna, arara, araponga, bacoráo. bemteví, beija-flôr, colhereira, canindé, capoeira, coruja, curica, garça real, guaxe, grumará, gavião, inhambú, juó, jandiá, jacús, jurutí, macuco, maracanã. mahitaca, marido é dia, mu'um. papaarroz, papagaios, patos, periquitos, pomba rola, sabiás. sahis, surucuá, tucano, tié, tiriba, virab sta, urubú, e outros menos notaveis.

Reptis: camaleão, cobras, jabotí. tartaruga, jacaré, tatús, sapos, perereca. lagartixas. lagartos, &c.

Insectos: aranhas, abelhas. borboletas, cigarra, formigas,

lacraias, mutucas, moscas, mosquitos, e outros muitos ainda não classificados.

Ichtyologia: nos rios: acará, camboatá, jundiá, piáo, piabanha, mandí, morobá, surubí, piaba, taraguira, sairú; e no mar que banha sua costa: alvacôr, agulha, arraia, bacalháo, badejo da lama, baiacú, balêa, batata, boca de velha, bonito, budião, badejo bagre, beijupirá, barbudo, bicuda, bom nome, boto, cabrinha, cação cação bagre, cação chapéo, cação de dente, cação golfim, cação pata, cação viola, cação anequim, cação bicudo cação d'arêa, cação espadarte, cação moenda, cação tinchereiro cabeça dura, caldeirão, canhenha, caramurú, caranha carapeba catoá caramurupi carapáo, caratinga, cavalla, charéo cherne, chicharro, corcoroca, charelete, chernote, coára cachocò, corvina dardo, dourado, enxova, espada, gallo, garoupa de São Thomé ou garoupa dos Abrolhos, guéba graçainha, guahibira, huja, jeriquiti, jamanta, João guruçá, lula, manjuba, manjuba arenque, manjuba chaveia, manjuba perna de moça, manjuba cascuda, manjuba lombo azul, maraçapeba, mero, michole moréa, murucutuca, namorado, olhete, olho de cão, olho de boi, olho de boi pitanga, palombeta papaterra pargo penna pegador, peixe tila, peroá, peroá garacheta, pescada, pescada gunan, peixe boi, pescada dentuça, piquira pirituma, pinta no rabo, polvo, pratucano, pratipema, realito, robalo peba, robalo pocú, robalete roncador, saiubá, saminduára, sarda, sardinha, serra, sambetara sargo de beiço, sargo de dente, senhor de engenho, sirioba tainha, taboca, tapucú, toninha, uberana, vermêlho, vento léste, voador.

Crustaceos ha grande abundancia, sendo os mais communs caranguejos, lagostas, camarões, lagostins.

Infinitas variedades de mariscos sendo os mais vulgares as ostras e os mexilhões.

A provincia do Espirito Santo pertence ao bispado do Rio de Janeiro; a sua divisão civil é em 12 municipios tendo 2 cidades e 10 villas. Na divisão judiciaria conta 4 comarcas, e termos judiciaes independentes; as comarcas com os seus termos são as seguintes: *Victoria*, que comprehende a cidade d'este nome, e as villas de Vianna, Espirito Santo, Serra, *Itapemirim*, que comprehende a villa do seu nome, e as de Guaraparim, e Benevente; *Reis Magos*, que comprehende as

villas de Santa Cruz, Linhares e Nova Almeida. *S. Matheus*, que comprehende a cidade d'este nome e a villa da Barra de S. Matheus.

Representação: 1 senador, e 2 deputados geraes eleitos em 4 districtos; ... deputados provinciaes, e 147 eleitores.

A força publica compõe-se de uma companhia fixa, uma companhia de policiaes, e guarda nacional.

Ha tambem um companhia de aprendizes, subordinada ao ministerio da marinha.

Esposende, quartel na estrada de S. Pedro d'Alcantara. hoje estincto.

Estivado, rio no municipio da Serra.

Estreito do Rubim, na estrada de S.Pedro d'Alcantara entre os quarteis de Villa Viçosa e Monforte, é formado por duas serras de pedra.

F.

Farinha-Grande, rio no districto de Santa Leopoldina.

Farinha-Pequeno, rio no districto de Santa Leopoldina.

Fato. ilha comprida ao Sul e na embocadura do rio Maruhipe.

Ferrugem, cachoeira no rio Jucú perto da cabeceira, um pouco abaixo da cachoeira Rio-Claro, districto de Vianna, as aguas n'este lugar parecem ter a côr da ferrugem.

Ferrugem, rio que nasce em lugar desconhecido, e cortando varias vezes a estrada de Vianna a Ourem, lança-se no Jucú pela margem esquerda.

Forca. ilhóta no sacco que fica na margem Sul da bahia do Espirito Santo, entre as pontaes Acharia e Val-das-Egoas.

Formate, rio nos limites do municipio de Vianna, e da freguezia de Cariacica.

Formosa, ilha no rio Doce immediata á grande e em frente da sesmaria de João Baptista Pinto de Almeida.

Formosa, praia na margem Sul da bahia do Espirito Santo entre a ponta de terra Val das-Egoas e a da Cruz das Almas.

Frade ou *Leopardo*, morro na margem do rio de Santa Maria, municipio da Victoria.

Frades. ilha na barra da bahia do Espirito Santo ao Norte da ilha do Boi; é cultivada, d'esta ilha á praia fronteira vai uma restinga d'arêa que na baixa mar se passa em secco.

Frades, morro na margem Sul da bahia do Espirito Santo a Oeste do morro da Capuaba.

Francez, ilha entre a barra do Itapemirim e a de Piuma.

Franciliania. colonia na margem esquerda do rio Doce occupando as margens e terras adjacentes dos rios Pancas e de S. João, foi fundada pelo Dr. França Leite e depois comprada pelo Estado. Está em decadencia.

Frecheiras, rio no municipio de Nova Almeida. é encachoeirado.

Frecheiras, ilha no rio Doce.

Fructa, ponta ao Norte da embocadura do Guaraparim.

Fumaça, cachoeira no rio do mesmo nome, e assim denominada pela nevoa que produz a queda das aguas.

Fumaça, rio no districto de Mangarahí. as suas margens são auriferas, corre em muitos lugares sobre pedras, e é tributario do Mangarahí.

Fundão ou *Taquaraçu*, rio no municipio de Santa Cruz reune-se ao Sananha nas Duas-Bocas.

Furado, volta no rio de Santa Maria.

Furado, ilha no rio Itapemirim.

G.

Gabriel, ilha na bahia do Espirito Santo, proxima a margem Norte, e a Oeste da cidade da Victoria.

Gallinhas, ilha no rio Guaraparim.

Gallo, ribeirão que nasce da parte do Norte da estrada de S. Pedro d'Alcantara, a qual atravessa entre os quarteis de Borba e Melgaço, e desagua na margem esquerda do Jucú.

Galveas, quartel na margem direita do rio de S. Matheus, a 8 leguas da cidade d'este nome.

Garrafão, sitio na estrada de S. Pedro d'Alcantara entre Piuma e Sambambaia.

Gigante, rio que entra pela margem direita do rio Doce.

Giquitibá, rio na divisa da provincia do Espirito Santo com a de Minas Geraes, por onde passa a estrada de S. Pedro d'Alcantara.

Goaiabeiras, povoação na freguezia de Carapina, na estrada de Maruhí para a Serra, municipio da Victoria; tem uma escola de instrucção primaria.

Goitacazes, povoação no municipio de Nova Almeida na cabeceira do rio dos Reis Magos; cult. mantimentos, fabr. gamellas, tijolo e telha.

Gonçalves-Martins, ilha na bahia do Espirito Santo na entrada do sacco de Jucutucoara

Gramuté, ponte no municipio de Santa Cruz.

Grande, ribeirão no municipio de Guaraparim, divide o districto de Cariacica, passa perto de Barcellos, e desagua no Jucú, encontra-se nas suas margens gêsso.

Grande, morro por onde passa a estrada de S. Pedro d'Alcantara.

Grande, cachoeira no rio Santa Maria.

Grande, ilha no rio Doce immediata á dos Prazeres e em frente da sesmaria de Francisco Benedicto de Almeida.

Guandú, rio que nasce na serra geral e entra no rio Doce por duas bocas ou braços, que se reunem doze braças acima da sua foz, formando entre estes dous braços uma ilha de pedra pelos lados da qual descem as aguas como por uma cascata; a sua direcção é Sul Norte, e no espaço de meia legua tem differentes cachoeiras e muitas pedras soltas que impossibilitam a navegação ; tem sempre abundancia d'agua, e é piscosa.

Guandú, colonia que se começou a estabelecer na margem do rio de seu nome, entre a lagôa e o rio de Santa Joanna, foi logo abandonada.

Guaraparim, ilhótas á entrada do porto do seu nome, entre ellas podem passar navios pequenos.

Guaraparim, porto formado pelo mar; nas marés grandes tem na preamar 26 palmos de fundo, e na baixamar 19; nas marés pequenas tem na preamar 2 i palmos de fundo, e na baixamar 22; o fundo marcado, é o de um banco de arêa para dentro dos pontaes; fóra d'elle tem 34 a 27 palmos, tendo mais fundo dentro até ao fundeadouro, onde desagua o rio do seu nome.

Guaraparim, rio que nasce na serra do seu nome, 5 leguas ao Nordeste da villa de Benevente, atravessa varias lagôas, e vai lançar-se no oceano entre o morro do seu nome e o de Perocão; é estreito e profundo na sua embocadura, dá navegação aos barcos que n'elle entram com facilidade cosendo-se

com o morro Guaraparim ½ legua acima da foz: as canôas vão até ao Aleixo (vide esta palavra) 2 leguas do porto da villa.

Guaraparim, villa situada ao lado Sul do porto do seu nome em posição elevada pittoresca, e sadia: tendo a Este um magestoso rochedo coberto pelo lado do mar de terra argilosa com frondosas arvores e arbustos, ao Sul parte da praia que medeia entre ella e a povoação de Meahipe, e em seu cimo uma capella arruinada. Confronta esta villa o seu termo a Este com o oceano; a Oeste por uma linha indeterminada: ao Norte com o termo da Victoria pela ponta da Fructa no litoral, e d'ahi para o centro por uma linha Este-Oeste: ao Sul com o termo de Benevente pela lagôa Maimbá. Os terrenos são entre tres serras parallelas á praia, e em elevações progressivas até á serra geral, a primeira a 2 leguas da costa, e que tem o nome da villa, a segunda a 8 leguas mais ou menos: a terceira fórma os limites da provincia. As terras são ferteis e de excellente qualidade para toda e qualquer cultura propria do paiz, regadas por corregos de crystallinas aguas: a maior parte do territorio está inculto. 3.300 h.

Guaraparim, serra ao Poente da villa do mesmo nome é abundante de cabureibas.

Guaraparim, morro na villa do mesmo nome.

Guarita, estrada no municipio de Vianna.

Guasisi, rio mencionado na carta da Razão do Estado do Brasil, que desagua no rio Doce.

Guasisi merim, rio mencionado na carta da Rasão do Estado do Brasil, que desagua no rio Doce.

Guaxindiba, rio pequeno, nasce ao Norte do rio de S. Domingos dá passagem em maré vasia, desagua no mar 4 leguas ao Sul do riacho Doce.

Guerra, ilha na bahia do Espirito Santo, proxima da margem Norte.

Guia, serra a 2½ leguas de Serpa pouco mais ou menos, é um grupo da serra geral, muito elevado, e d'ahi lhe veio o nome.

H.

Henrique, ilha no rio Doce acima da foz do Juparanã, e assim chamada de Fuão Henrique que n'ella teve plantações.

Hospital, ponte na villa de Vianna.

I.

Iconha, rio no districto de Piuma, nasce na serra proxima, e desagua na margem esquerda do Itapoama.

Ilha Grande, morro no municipio de Vianna, confronta pelo Norte com o morro do Oleo, e pelo Sul com o morro Ilha Pequena.

Ilha pequena, morro no municipio de Vianna, que confronta pelo Norte com o morro Ilha Grande.

Imbocica, brejo no districto de Benevente.

Imperial Affonsino. V. *S. Pedro d'Alcantara.*

Indaiá. rio pequeno, que nasce na serra do Batatal, e desagua pela margem esquerda do Benevente.

Inferno, ponta de terra no rio Doce, e assim chamada, porque nas cheias se tem virado algumas canôas n'esse lugar.

Ingremi, ilhota agua aberta com a embocadura do rio Maruipe.

Iriri, pequeno rio, estreito, que corre por uma quebrada do terreno entre Piuma e Benevente, dá passagem em maré vasia.

Iriri, praia no municipio de Benevente.

Iriri. rio no municipio de Nova-Almeida, admitte embarcações pequenas.

Iriritiba. V. *Benevente.*

Itabapuana, porto no municipio de Itapemirim formado pelo rio do seu nome e as aguas do mar; nas marés grandes tem na preamar 14 palmos de fundo, e na baixa mar 8; nas marés pequenas tem na preamar 10 palmos de fundo, e na baixa mar 4.

Itabapuana. rio que nasce na serra geral, e lança-se no oceano 6 leguas ao Sul do Itapemirim, na sua embocadura, tem uma pequena angra na margem direita, e em frente agua aberta com a barra uma pequena ilha; é navegavel para barcos até á distancia de ½ legua, e para canôas até ao porto da Limeira 6 leguas acima da foz.

Itabapuana, registo á margem Norte e na embocadura do rio do seu nome, em uma pequena povoação no municipio de Itapemirim; tem uma aula de primeiras letras, é districto de paz, confronta a Este com o oceano, ao Oeste com o districto da Barra do Muqui pelas duas barras, ao Norte com o distri-

cto de Itapemerim seu limite definido, ao Sul com a provincia do Rio de Janeiro por Santa Catharina das Mós.

Itabapuana, vulgarmente *Barra Secca*. V. esta palavra.

Itacibá, *Itacaciba*. *Itacatiba*, vulgarmente *Porto Velho*, pequeno porto na margem meridional da bahia do Espirito Santo, freguezia de Cariacica.

Itanguá, estreito no districto de Cariacica, termo da Victoria sobre o qual ha uma ponte que communica com o sitio Cravo.

Itapebuçú, morro na praia de Suá.

Itapemirim, primitivamente *Tapemirim*, porto no districto e a ½ legua da villa do seu nome, formado pelo rio, tem duas barras, a do Norte que é a melhor, tem nas marés grandes, em preamar 12 palmos de fundo, e em baixa mar 14, nas marés pequenas tem na preamar 8 palmos de fundo, e em baixa mar 4; uma ilha de pedra—Taputera—é que divide o rio em duas barras, e em frente agua aberta com a barra ha outra ilhota denominada dos Ovos.

Itapemirim primitivamente *Tapemirim*, rio, nasce na serra do Pico, corre do Occidente para o Oriente, rega a villa do seu nome, e perto da sua embocadura dá varias voltas e entra no mar 3 leguas ao Nordeste de Itabapuana em 21° 17' lat. 43° 13' 54'' long. Sobem por este rio as sumacas até á villa, e esperam a enchente da maré para descerem: as canôas sobem 8 leguas onde começa as cachoeiras.

Itapemirim, comarca que comprehende os municipios das villas de Itapemirim, Benevente e Guaraparim.

Itapemirim, villa sobre a margem meridional do rio do seu nome 22 leguas ao Sudoeste da Victoria, 4 leguas ao Poente do morro Agá, e a ½ legua do mar. Confronta a Este com o oceano; ao Oeste com o districto do Cachoeiro por parte da linha tirada da marca do Collegio aos cachoeiros do rio Itapemirim; ao Norte com o districto de Piuma pelo morro Agá, e para o centro pela linha Este Oeste tirada do dito morro; e ao Sul com o de Itabapuana sem limite definido; o seu termo limita a Este com o oceano; ao Oeste com a provincia de Minas Geraes pelas cabeceiras do rio Itapemirim; ao Norte com o termo de Benevente pelo morro Agá ficando todo o territorio ao Sul do dito morro pertencente a Itapemirim; e ao Sul com a provincia do Rio de Janeiro por Santa

Catharina das Mós. Comprehende quatro districtos de paz além do da villa, que são: Cachoeiro, Itabapuana Alegre, e Barra do Muqui; uma matriz vasta e decente, uma capella filial na fazenda do Muqui, e outra no da Moribeca; cult. café, assucar, mantimentos, algodão, e fumo; todo o termo tem 893 fogos, e 8.443 hab.

Itapoama: rio no districto de Piuma, nasce na serra proxima, e desagua na margem esquerda do rio Piuma.

Itapoca, rio que nasce na serra adjacente ao curso do Cariacica, e n'este desagua pela margem direita.

Itaboca, povoação no termo de villa de Vianna, nas margens do rio Itaquari, tem uma pequena capella.

Itaquari, lugar onde ha uma escola de instrucção primaria, que serve para as freguezias de Vianna e de Cariacica.

Itaquari, ribeirão que nasce na serra geral, e desagua no Jucú, dá navegação a canôas até á povoação de Itapoca.

Itauna, serra no municipio de S. Matheus, e na divisa d'esta provincia com a da Bahia.

Itauna ou *Guaxindiba*, rio que nasce na serra do seu nome, e desagua no mar entre o rio de S. Matheus e o riacho Doce, offerece navegação á lanchas e grandes canôas n'uma extensão de mais de 15 leguas, mas não tem barra accessivel, razão porque se emprehendeu a abertura de um canal destinado a reunir as suas aguas ás de S. Joaquim, a fim de aproveitar a barra do rio de S. Matheus.

Itauna, canal no districto de S. Matheus que communica o rio Itauna com o rio S. Joaquim, tem 780 braças de comprimento.

Itauna, (S. Sebastião de) freguezia no districto da Barra de S. Matheus, 6 leguas ao Norte d'esta villa tem 80 fogos, uma igreja, e uma aula de primeiras letras. Divide-se pelo Sul com a freguezia da villa da Barra de S. Matheus partindo do Chapeu de Sol (arvore que existe no combro da praia) até encontrar os limites d'esta provincia com a de Minas Geraes, a rumo de Oeste, e pelo Norte com o rio Mucari, começando do pontal do Sul, e seguindo o mesmo rumo até os limites acima indicados.

J.

Jabituruna, Jabitruna, morro na margem Sul da bahia do Espirito Santo, em frente da ilha dos Papagaios.

Jaboti, ribeirão no districto de Guaraparim, nasce nos cachoeiros da serra de Aldêa Velha, e desagua no rio de Engenho.

Jaboti, povoação no municipio de Guaraparim, tem uma escola de primeiras letras.

Jaçapé, ladeira a pouco mais de duas leguas da villa da Serra.

Jacarahipe, rio que nasce na freguezia da Serra, e depois de regar a povoação do seu nome, desagua no oceano entre o Carapebús e o Nova Almeida, quasi tres leguas de um e outro.

Jacarahipe, povoação na margem do rio do seu nome 3 leguas ao Norte da Victoria, e 2 leguas ao Sul de Nova-Almeida.

Jacaratiá, rio no municipio de Benevente.

Jacinto, corrego no municipio de Vianna.

Jacuba, rio que desagua na margem esquerda do rio de Santa Maria.

Jacutucoara, sacco, praia, e morro na margem Norte da bahia do Espirito Santo, entre a fortaleza de S. João e a ponta de Bento Ferreira.

Jatitá, corrego que atravessa a estrada que de Itacibá vai á villa de Vianna.

Joeba, rio tributario do Benevente, é encachoeirado; nas suas cabeceiras foi estabelecido o 2.º districto da colonia do Rio Novo.

José-Claudio, porto e cachoeira no rio Santa Maria 8 leguas acima da sua foz; tomou o nome de José Claudio de Sousa fazendeiro estabelecido na margem d'aquelle rio.

José-Pedro, ribeirão que nasce na serra geral e desagua no rio Manhuaçú, serra de divisa entre a provincia do Espirito Santo e a de Minas Geraes.

Jucú, rio no municipio do Espirito Santo, nasce na serra geral, recolhe os ribeiros Claro, Itaquari, Santo Agostinho, e entra no mar 5 leguas ao Norte da foz do Guaraparim na lat. de 20° 26' 30" e long. 42° 41' 59" só dá navegação

com a enchente da maré ou na estação das chuvas; tem duas cachoeiras Rio-Claro, e Ferrugem que a difficultam. Ha um canal d'este rio á bahia do Espirito Santo com 8 leguas de comprimento feito pelos jesuitas, e desobstruido durante o governo de Rubim, para evitar os perigos da sua barra, e dar rapidez ás communicações com a capital da provincia.

Jucú, povoação na embocadura do rio do seu nome; pescaria.

Jucù ilhota perto do continente e da foz do rio do seu nome ao Sudoeste dos recifes Pacotes.

Jucunem, ponta perto da embocadura do rio dos Reis Magos.

Jucunem, lagôa ao Norte da cidade da Victoria, pouco afastada do mar onde desagua pelo rio Jacarahipe, tem ½ legua pouco mais ou menos de largura, e é muito piscosa.

Juparanã, lagôa no districto de Linhares, recebe as aguas do rio S. Rafael, e desagua no rio Doce; é grande, piscosa, e tem no meio uma ilha.

Juparanã-merim, lagòa pequena acima da de Juparanã, recebe as aguas de um rio do mesmo nome, e as descarrega no rio Doce na margem esquerda.

L.

Lagôa, rio que nasce no sertão em 22° de lat. S. pouco mais ou menos. e correndo na direcção Norte vai ter a uma lagôa proxima á colonia do Guandú, e ahi desagua n'este rio pela margem direita.

Lama-Preta. povoação no municipio de Vianna, tem uma aula de primeiras letras.

Lameirão, rio no municipio de Itapemirim.

Lameirão, grande parte do termo da cidade da Victoria alagado pelas aguas do rio de Santa Maria. e cortado pelo rio Maruipe e Maruiaçú.

Lemos, povoação na estrada de S. Pedro d'Alcantara entre o limite com a provincia de Minas Geraes e a povoação de S. Pedro d'Alcantara.

Leritibi, *Leritiba*. *V*. *Benevente*,

Lima, pequeno rio que atravessa a estrada de Santa Theresa.

Limão, lagoa na margem direita do rio Doce a 6 leguas de Linhares, nas suas margens se projecta o estabelecimento de uma colonia.

Limeira, porto no rio Itabapuana 6 leguas a cima do foz onde termina a navegação.

Linhares, villa situada em uma alta barreira em fórma de meia lua superior a todos os terrenos que a rodeiam, que são varzeas e planicies extensas entre as lagôas de Juparanã e Juparanã merim, e á margem esquerda do rio Doce, a 4 leguas do mar, 14 leguas da Victoria. Confronta a Éste com a freguezia da Barra-Secca, a Oeste com a serra geral, ao Norte com a Barra Secca, ao Sul o rio Doce; o seu termo divide-se a Éste com o oceano; a Oeste com a provincia de Minas Geraes pelo espigão da serra de Sousa entre os rios Manhuaçú e Guandú; ao Norte com o termo de S, Matheus pela linha Éste-Oeste da Barra de S. Matheus, e ao Sul com o termo de Santa-Cruz. E' um pequeno ponto de commercio com os mineiros que ahi levam para vender toucinho, carne de porco e de vacca, linguiças, queijos, arroz, fubá, fumo, rapadura, mandubi, cebolas, alhos, aves e compram sal que a villa importa do Rio de Janeiro; cult. mantimentos. 333 fogos, 964 hab.

M.

Maimbá, *Mãebá*, lagôa no districto de Benevente com bastante fundo; communica-se ás vezes com o mar; está situada entre aquella villa e a de Guaraparim.

Malaquias, ilha de arêa no rio Doce abaixo da colonia Francilvania.

Malha, serra que é uma ramificação da geral, onde nasce o rio de Santa Maria: está toda em mato virgem.

Managé, povoação entre o Itapemirim e o Paraiba de que falla Gabriel Soares de Sousa.

Mangarahi, *Mangaiari*, rio que nasce na serra geral e depois de engrossado com outros muitos, desagua na margem direita do rio de Santa Maria; é pedregoso; e até 500 ou 600 braças da sua foz, é innavegavel.

Mangarahi, povoação com juiz de paz, no municipio da Serra, freguezia do Queimado tem uma aula de primeiras letras. Confronta a Este com o districto do Queimado pelo

rio de Santa Maria; ao Oeste com o do Rio Pardo por parte da linha Norte-Sul tirada da serra do Engano; ao Norte não tem limite definido; e ao Sul com o districto de Cariacica pelo rio Tauá até ao lugar Boapaba, e d'ahi até á lagôa de Cambê, e d'esta ao rio de Calamba em direitura ao centro.

Manguinho-de-Terra, ilha da bahia do Espirito Santo, e no extremo Norte, na parte em que ella tem a direcção Norte Sul.

Manhuaçù, rio na divisa da provincia do Espirito Santo com a de Minas Geraes.

Maracapicaba, morro no municipio da Serra.

Maravilha, pequeno rio que nasce na serra geral, corre de Eeste a Oeste, e lança-se na margem esquerda do Caxixe.

Marçal, ilha na bahia do Espirito Santo proxima á margem Sul, é pequena.

Maré-Caturè, pequena ilha de pedras perto da ponta de terra Val-das-Egoas.

Maria-Fernandes, ilha na bahia do Espirito Santo entre a ponta de terra da Pedra d'Agua e a da Cruz das Almas.

Maria-Lemos, praia na margem Sul da bahia do Espirito Santo a Éste da praia das Formosas.

Maricará, rio que nasce no morro Muxanára, corre quasi de Sul a Norte, e paralello á costa occidental da bahia do Espirito Santo, e em distancia d'esta pouco mais de 2 leguas, por entre montanhas, é estreito e profundo.

Marinho, antigamente das *Roças Velhas*, rio que se deriva dos brejaes e pequenas lagôas de Caçaroca, formadas pelas aguas das chuvas e pequenas vertentes dos morros circumvisinhos; communica-se com o rio Jucú por um canal artificial; o curso mais geral, depois que recebe as aguas do Jucú pelo canal, é de Norte a Sul; a sua foz é no ponto em que a bahia do Espirito Santo depois de correr d'esta a barra de Éste a Oeste curva-se para tomar a direcção de Sul a Norte até á foz do rio de Santa Maria. D'ahi até em frente do morro que domina a varzea Paul tem a mesma direcção de Éste a Oeste, e n'aquelle percorre o rumo de Sul a Norte como acima se indicou com mais ou menos tortuosidade. Antes de tomar essa curvatura, e em frente do morro Paul, estende um braço por uma valla artificial que toca a raiz do mesmo morro, e nas marés altas dá navegação a canôas até este ponto.

Mariricù, rio no termo de S. Matheus, nasce na lagôa Tapada ou Barra Secca, e desagua no rio S. Matheus pela margem direita; é navegavel 4 leguas desde a foz.

Marobá, lagôa no municipio de Itapemirim, proxima ao litoral, entre aquella villa e a foz de Itabapuana

Marobá, pequeno rio que desagua na lagôa do seu nome.

Maruiaçù, rio que começa na extremidade Norte da bahia do Espirito Santo, e na parte em que ella tem a direcção Sul Norte, e atravessa o Lameirão.

Maruipe, *Maruhipe*, rio que se fórma das aguas do Lameirão, e desagua no mar ao Norte da ilha dos Frades.

Maruipe, praia ao Norte da embocadura do rio do seu nome, e vai acompanhando o sacco que faz o mar até encontrar os rochedos da costa.

Meio, rio no districto de Mangarahi, nas suas margens ha minas de ouro.

Meio, lagôa na margem esquerda do rio Doce entre a das Piabas de quem recebe as aguas e a do Camargo.

Melgaço, rio que atravessa a estrada de S. Pedro d'Alcantara, entre os quarteis de Borba e o de seu nome, em face do qual faz o seu curso, e do lado do Oriente desagua no Jucú: tem fama de sêr diamantino, o que não está justificado.

Melgaço, quartel na estrada de S. Pedro d'Alcantara adiante do quartel de Borba, e a 6 leguas de Vianna: hoje extincto.

Mestre-Alvaro, serra a 3 leguas da bahia do Espirito Santo da qual faz parte o morro do mesmo nome, que é de fórma circular, e a base prolonga-se para o Sul, e vai-se arrasando quasi até ao mar; é cultivado em parte; diz-se que n'elle se encontram esmeraldas e pedra iman.

Miahipe, *Meahipe*, riacho no districto de Guaraparim que em alguns mezes fecha a barra, banha pelo Sul a povoação do seu nome, e o pé do morro que serve de base á ponte, cuja foz prende um lagoão profundo.

Miahipe, *Meahipe*, *Meiuipi*, povoação no municipio de Guaraparim, á beira mar, entre as ilhas de Benevente e de Guaraparim, a ½ legua d'esta ultima, em uma ponta que avança sobre o mar, terminando n'um espaçoso rochedo rodeado de outros, que ficam separados d'elle por braços do mar, e formam um remanso onde chegam as canôas ao abrigo dos ventos do Norte. Seus habitantes empregam-se

na cultura de mantimentos, e pescaria de sardas. Tem uma escola de primeiras letras.

Minas do Castello, lugar no termo de Itapemirim.

Mocoratá, esteiro no districto de Santa Cruz.

Monforte, povoação a 18 leguas da villa de Vianna, foi na sua origem o 6.º quartel da estrada de S. Pedro d'Alcantara.

Monsarás, lagôa na margem esquerda do rio Doce proxima ao litoral, recebe as aguas do rio Norte, e desagua no mar.

Monsaras, quartel na margem da lagôa do seu nome, hoje extincto,

Montarroso, corrego no municipio de Vianna.

Moquiçaba. V. Muquiçaba.

Moreno, ponta de terra na base do morro do seu nome.

Moreno, antigamente *João Moreno*; morro conico que fórma a ponta da parte do Sul da bahia do Espirito Santo; da parte do mar é escalvado, e das outras mais ou menos povoado de arvoredo, serve de balisa aos navegantes, e tem um telegrapho.

Moroiy, ilha no rio Doce em frente da sesmaria de José Benedicto de Céspes.

Mulundú, ou *Mulundum*, rio no districto da Victoria desagua no rio de Santa Maria.

Muqui, rio no districto de Itapemirim, desagua na margem direita do rio Itapemirim, difficilmente dá passagem na estação secca, e na das chuvas só em canôas pequenas, porque tem 60 palmos de largura e 2 de fundo.

Muqui-do-Sul, rio que desagua no Itabapuana.

Muquiçaba, povoação no districto de Guaraparim, na margem Norte do rio d'este nome e em frente á villa; é uma longa fileira de mais de 100 casas de palha; seus habitantes occupam-se na pescaria de pargos no alto mar; tem uma escola de primeiras letras.

Muribeca, povoação no districto de Itapemirim com uma capella filial da freguezia de Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim, seus habitantes cultivam mantimentos e assucar.

Mutum, corrego na colonia Francilvania, desagua na margem esquerda do rio Doce acima da foz do rio de S. João.

Muxanára, morro que se avista do mar, diz-se que por muito tempo serviu de asylo a uma tribu de indios dos que habitavam o litoral anteriormente á conquista.

N.

Negros, morro nos limites da freguezia de Cariacica com os da villa de Vianna.

Neves, rio que corre pelas terras da Muribeca, e desagua no Itabapuana.

Norte, rio que corre nas immediações do quartel de Souzel, recebe todas as aguas da declividade austral da serra de S. João, e vai lançar-se no Itapemirim pela margem septentrional.

Nossa Senhora da Boa Morte, capella filial da matriz de Nossa Senhora da Victoria.

Nossa Senhora da Conceição, capella filial da matriz de Nossa Senhora da Victoria, situada na cidade d'este nome.

Nossa Senhora da Conceição do Alegre, freguezia no municipio de Itapemirim. as suas divisas são principiando no vallão Bananal que desagua no rio Itapemirim ou Norte segue ás cabeceiras do ribeirão Alegre, e tudo quanto resta para o mesmo até sua barra no rio Itabapuana, e por este ao rio Preto acima a dividir com a provincia de Minas Geraes. Tem uma subdelegacia com os limites pelo rio Itabapuana a partir da barra do ribeirão do Castello e o rio Preto até á serra do Pico, tirando-se d'ahi uma linha que seguirá até á direcção á Bocaina dos Pilões, comprehendendo todas as aguas vertentes do rio Veado até encontrar a nascente do referido ribeirão do Castello, de sorte que inclúa as duas povoações do Veado e de S. Pedro de Rates.

Nossa Senhora da Penha, capella filial da matriz de Nossa Senhora da Conceição do Alegre.

Nossa Senhora da Penha, convento da ordem franciscana no cume do morro Penha na villa do Espirito Santo.

Nossa Senhora das Neves, capella em Muribeca filial da matriz de Nossa Senhora do Amparo em Itapemirim.

Nossa Senhora da Victoria, freguezia na cidade da Victoria.

Nossa Senhora do Amparo, freguezia na villa de Itapemirim.

Nossa Senhora do Bom Successo, igreja na povoação de Orobó, filial da matriz de Benevente.

Nossa Senhora do Carmo, fortaleza construida em 1726 para defender a cidade da Victoria.

Nossa Senhora do Rosario, capella filial da matriz de Nossa Senhora da Victoria.

Nossa Senhora da Victoria, forte levantado em 1726 para defesa da cidade da Victoria.

Nova-Almeida, ou simplesmente *Almeida*, antigamente *Reis Magos*; villa n'um alto na embocadura e margem direita do rio dos Reis Magos defronte do mar: confina a Éste com o oceano; ao Oeste e Sul com o municipio da serra pela foz do rio Jacarahipe até ao lugar denominado—Pedra de Belchior Dias — e d'ahi pelo corrego que desagua na barra do rio Calogi; d'esta pelo rio Timbohi ao braço do Norte a encontrar a estrada de Santa Theresa até o centro; e ao Norte com o municipio de Santa Cruz pelo rio Preto desde a sua foz no oceano até encontrar com o Beririca. Tem Nova Almeida porto formado pelo rio Sananha; nas marés grandes tem na preamar 10 palmos de fundo. e na baixamar 4; nas marés pequenas tem na preamar 6 palmos de fundo, e na baixamar 4. 328 fogos, 2.513 hab. que se empregam na pesca, lavoura de mantimentos, olaria, fiação de algodão.

Exporta seus productos em canôas pequenas para Santa Cruz e Victoria.

Nova Coimbra, porto na margem do rio de Santa Maria.

Novo, rio que desagua no Piuma pela parte do Sul, 1 legua acima da sua foz.

Novo, rio no municipio de Nova Almeida, não é vadeavel.

O.

Obú, povoação no lado meridional da ponta dos Castelhanos, os habitantes são pescadores. Tem uma aula de primeiras letras.

Oleo, quartel na villa de Vianna.

Oleo, morro na villa de Vianna.

Orobó, povoação no districto de Benevente, com uma igreja da invocação de Nossa Senhora do Bom Successo, filial da matriz de Benevente; a 3 leguas do mar, nas cabeceiras do rio do mesmo nome, e a $\frac{3}{4}$ legua de Piuma.

Ourem, povoação no districto de Vianna entre Serpa e Penna na estrada de S. Pedro d'Alcantara, deve sua origem ao 3.° quartel que se estabeleceu n'esta estrada.

Ouro, corrego que nasce proximo á estrada de S. Pedro d'Alcantara, e vai desaguar no rio de Santa Maria.

Oros, ilha em frente á agua aberta com a barra do rio Itapemirim.

P.

Pacotes, arrecifes na direcção da embocadura do Jucú. e ao Sul da entrada da bahia do Espirito Santo.

Palmas, rio que nasce no sertão em lugar desconhecido, e desagua na lagôa do seu nome.

Palmas, lagôa perto da margem esquerda do rio Doce. desagua na lagôa das Palminhas.

Palminhas. lagôa na margem esquerda do rio Doce onde desagua.

Pancas, ilha no rio Doce com ¼ legua de comprimento e defronte da foz do rio do mesmo nome.

Pancas, rio que nasce na serra geral, e desagua pela margem direita do rio Doce 2 ½ leguas da foz do rio de Santa Joanna. O nome de Pancas lhe foi dado em 1800 em obsequio ao conde de Linhares, que era senhor de Pancas em Portugal.

Pao d'Alho, ribeirão no municipio de Itapemirim.

Páo Gigante, ilha no rio Doce a 12 leguas do porto de Sousa.

Páo Grosso, Ilha no rio Doce defronte da sesmaria de José Benedicto Cespes.

Pão d'Assucar, morro de fórma conica na margem Sul da bahia do Espirito Santo, defronte do forte de S. João.

Papagaios, ilha na bahia do Espirito Santo em frente do morro Jabituruna que lhe demora ao Sul, e da praia de Suá que lhe demora ao Norte.

Parati, rio no termo de Benevente, corre a 1 legua da villa d'este nome.

Parda. lagôa ao Nornordeste do quartel da Regencia Augusta, tem 1 legua de comprida, e 150 braços de largura; é piscosa.

Pardo. rio que nasce na serra geral, e antes de receber o pequeno rio do mesmo nome, e o do Norte, assim como o de Cafarnaú, corre o espaço de 3 leguas sereno e silencioso por uma planura sobre terreno elevado; mas terminado aquelle

espaço, despenha-se de uma altura calculada em mais de 500 braças formando uma assombrosa catadupa, e cuja queda produz um estrondo que se ouve a distancia de $\frac{2}{1}$ legua; segue d'ahi mais violento, e engrossado com aquelles rios vai lançar-se no Itapemirim.

Pardos, corrego no districto da colonia de Santa Leopoldina, desagua no rio Bragança.

Parobas, povoação no municipio de Vianna á beira do rio Santo Antonio.

Passagem, rio no districto da Victoria.

Patos, rio que nasce na serra geral, e corre a 1 legua de Monforte, desagua no Itapemirim.

Paurica, corrego no districto de Benevente.

Pedra, rio que nasce em lugar desconhecido, e cortando duas vezes a estrada de Vianna a Ourem, lança-se no Jucú pela margem esquerda.

Pedra d'Agua, riacho que serve de divisa entre a cidade de S. Matheus e villa da Barra de S. Matheus.

Pedra d'Agua, ponta de terra na margem Sul da bahia do Espirito Santo, e na base do morro do mesmo nome.

Pedra d'Agua, morro na margem Sul da bahia do Espirito Santo perto do esteiro Arabiri.

Pedra da Mulata, povoação no municipio de Vianna, tem uma escola de primeiras letras.

Pedra Queimada, medonho penhasco proximo á estrada de S. Pedro d'Alcantara entre os quarteis de Villa Viçosa e Monforte.

Pedras, rio pequeno, nasce na serra Batatal, e desagua na margem esquerda do Benevente.

Peixe-verde, rio no districto de Guaraparim.

Penedo, penhasco em frente ao pequeno forte de S. João, proximo á capital.

Penha, morro parecido com um pão d'assucar, na margem meridional da bahia do Espirito Santo; está assentado em uma planicie que se dilata para o Sul até confundir-se com as margens do oceano, e com as varzeas espaçosas do rio Jucú, e que é sulcada em carreira tortuosa pelo rio da Costa; na sua base para o lado da marinha está a fortaleza de S. Francisco Xavier; em baixo na planicie está a villa do Espirito Santo; por todos os declives do morro até começar a planicie descem

renques intrincados de arvoredo misturados de massas enormes de granito, que o tempo tem derrocado das suas summidades, e o seu cume é formado por um só rochedo escalvado com 120 braças de circumferencia, revestido delgadamente de uma crusta denegrida. Sobre esta molle, é que está a igreja e convento da Penha.

Penna, povoação na estrada de S. Pedro d'Alcantara entre Garrafão e Ourem.

Pequena, ilha na bahia do Espirito Santo proxima á ilha do Pinto, e abaixo da foz do Cariacica.

Perocão, povoação a 1 legua de Guaraparim, os habitantes empregam-se em pescaria na costa.

Perocão, rio no districto de Guaraparim dá passagem a canôas por espaço de ½ legua.

Perocão, morro e serra na costa, é ramificação da serra de Guaraparim.

Perohipe, rio que é corrente somente quando as chuvas fazem transbordar a lagôa Jucunem, sahe ao mar ao Norte da ponta do Tubarão na lat. 20° 2' 30'' e long. 45° 52' 20''

Pesqueiro, rio no municipio da Serra.

Pexingolé, sitio no districto de S. Matheus.

Piabanha, rio no districto de Itapemirim, desagua no rio Itapemirim.

Piabanha, praia no districto de Itapemirim.

Piabas, lagôa na margem esquerda do rio Doce, abaixo da lagôa de Aviz, recebe as aguas de um pequeno rio, e desagua na lagôa do Meio.

Piá-Pitangui, lugar no districto de Vianna, e a 2 leguas d'esta villa, tem uma escola de primeiras letras.

Picão, lugar no termo da villa de Benevente, tem uma escola de primeiras letras.

Pico, serra muito alta, ramificação da serra geral.

Picoan, rio que desagua na parte do Sul do Iriritiba.

Pimentas, rio no districto de Vianna.

Pinguela, rio no districto de Itapemirim, desagua no rio Iconha.

Pinhel, povoação sobre a estrada que do cachoeiro do rio de Santa Maria vai encontrar a de S. Pedro d'Alcantara; foi originariamente um quartel.

Pinto, ilha na bahia do Espirito Santo, abaixo da foz do Cariacica.

Pirahem, ponta de terra ao Norte da do Tubarão.

Pirahem, regato que corre junto a Nova Almeida.

Piranê, fundeadouro em Nova Almeida á direita da barra do Rio Novo ou Timbohi, a 50 braças da costa; tem 8 a 30 palmos de fundo, abrigado de todos os lados menos de Este, vento pouco frequente n'esta parte da costa.

Pirão-Sem-Sal, serra no districto de Vianna.

Pirapitinga, rio pequeno que nasce na serra do Batatal, e desagua na margem esquerda do rio Benevente.

Piraqueaçú, povoação na margem do rio de que tomou o nome, 3 leguas ao poente de Santa Cruz, e vulgarmente conhecida por — Destacamento. — Tem uma capella filial da matriz de Santa Cruz; os seus habitantes fabricam cal de marisco.

Piraqueaçú, rio no districto de Santa Cruz, nasce na mataria da margem direita do rio Doce, é navegavel em tempo secco para barcos pequenos até a distancia de 3 leguas; para barcos que demandem até 10 palmos, somente duas leguas: para canôas grandes até ao lugar Santa Anna mais de 4 leguas acima da barra; no tempo das aguas porém chegam as canôas até ao sitio do Simão pouco abaixo do primeiro cachoeiro. Tem este rio onde conflue o Piraquemerim 9 palmos de fundo, depois 16 braças, 14, 12 e vai diminuindo. Desagua no rio de Santa Cruz ao pé da villa d'este nome.

Piraquemerim, rio no districto de Santa Cruz, nasce na mataria ao Sul, e desagua junto com o Piraqueaçú no rio de Santa Cruz; tem 5 a 9 palmos de fundo em maré grande vasia, e é navegavel para barcos em preamar até 2 leguas, e para barcos pequenos até 2 $\frac{1}{6}$ leguas; canôas grandes vão com a preamar até o Campinho.

Piratininga, fortaleza. V. *S. Francisco Xavier*.

Piratininga, dava-se antigamente este nome ao rio da Costa.

Piratininga, campo na margem esquerda do rio da Costa, e margem Sul da bahia do Espirito Santo; pertence ao districto da villa do Espirito Santo.

Pitiaias, pedras á flor d'agua na costa ao Sul da barra da bahia do Espirito Santo.

Piuma, porto no districto e a 2 leguas de Benevente for-

mado pelo rio do seu nome; nas marés grandes tem na preamar 8 palmos de fundo, e na baixa mar 3: e nas marés pequenas tem na preamar 6 palmos de fundo e na baixa mar 4. Nas marés cheias de Março e Agosto tem 10 a 11 palmos de fundo.

Piuma, rio no districto de Benevente, nasce na serra geral, recebe o Itapoana e o Novo, e com 8 leguas de curso passa pela povoação do seu nome, e vai desembocar no mar 4 leguas ao Norte do rio Itapemirim em 21° 25' 58" de lat. e 43° 9' 56" long. Corre do Norte quasi paralellamente ao Benevente, dá navegação para canôas até á —Bocaina— ou até 3 leguas—na cachoeira da Mesa-Grande.

Piuma, povoação e districto policial na embocadura e margem esquerda do rio do seu nome. 2 ½ leguas ao Sul da villa de Benevente a cujo municipio pertence, 4 leguas ao Norte da villa de Itapemirim; foi em sua origem um aldeamento de purís. Confronta a Este com o oceano; ao Oeste com o districto do Cachoeiro por uma linha tirada da marca do Collegio aos cachoeiros do rio Itapemirim: ao Norte com o districto de Benevente pelo rio Iriri: e ao Sul com o de Itapemirim pelo morro Agá no litoral, e d'ahi para o centro por uma linha Este Oeste. 50 fogos Os habitantes empregam-se na cultura de mantimentos, commercio de madeiras de lei, pescaria; tem um estaleiro para lanchas e sumacas.

Piumas, ilhotas em frente da foz do rio Piuma.

Pixibas, rio no districto da Barra de S. Matheus.

Pombas, ilha na bahia do Espirito Santo, quasi em frente e a Este da garganta que ella faz entre o Pão d'Assucar e a fortaleza de S. João.

Pongá, rio que desagua na parte do Sul do rio Benevente.

Ponta-da-Fructa, povoação no districto de Guaraparim; tem uma escola de primeiras letras. Os habitantes empregam-se na pesca,

Porto Velho. V. *Itacibá*.

Prazeres, ilha no rio Doce em frente da sesmaria de Alexandre Maria de Mariz Sarmento.

Preto, rio que nasce na lagoa Parda e desagua no rio Doce trinta braças acima do quartel da Regencia Augusta.

Preto, rio no districto de Santa Cruz, nasce na serra geral, e depois de dividir o districto de Santa Cruz do de Nova-Al-

meida, lança-se no oceano entre o rio Gramuté e o de Nova-Almeida.

Preto, rio no districto de Itapemirim, nasce na serra geral e desagua no rio Itabapuana; dá navegação a canôas desde a sua foz até ao primeiro cachoeiro em que ha 4 leguas de comprimento, corre pelo meio de um brejo profundo cheio de aguapé, que difficulta e embaraça a navegação,

Preto, pequeno rio que depois de receber as aguas do Cascalho atravessa a estrada de Vianna a Ourem, e lança-se no Jucú pela margem esquerda.

Preto, dá-se tambem este nome ao Itabapuana, mas sómente até pequena distancia das suas cabeceiras.

Principe. ilha na bahia do Espirito Santo defronte da pedra dos Lazaros.

Puri, rio que nasce na serra Batatal e desagua na margem esquerda do Benevente.

Q.

Quarenta-Mil-Réis, volta no rio de Santa Maria.

Quatinga, rio pequeno que desagua na margem direita do rio Benevente.

Quebra-Joelho, morro por onde passa a estrada de Santa Theresa, tem 400 braças da rampa e contra rampa.

Queimado, freguezia no municipio da Serra divide-se com a d'este nome pelo rio Tanguí e porto do Una seguindo a margem do Brejal até á ponte do mesmo nome; depois em linha recta até á estrada de S. João na ladeira das pedras, comprehendendo Itapocú e todo o Caioaba; com a freguezia de Cariacica divide-se pelo rio Tauá até Boapaba seguindo d'ahi até á lagôa do Cambê, e d'esta ao rio Calamba em direitura ao centro. Comprehendendo o districto de paz de Mangarahi tem 508 fogos, e 3,192 hab.

Quilombola, ponta de terra no rio Doce, margem esquerda, e uma legua em frente da foz do rio Preto.

Quiricaré. V. *S. Matheus* (rio).

R.

Rasa, ilha pequena á entrada do porto de Guaraparim;

entre a costa e os moleques d'esta ilha podem passar navios, porque tem de 20 a 12 braças de fundo.

Rato, pedra á flôr d'agua no saco que faz o mar na margem sul da bahia do Espirito Santo, entre as pontaes Acharia e Val-das-Egoas.

Regencia-Augusta ou *Quartel-da-Regencia*, povoação na margem direita da embocadura do rio Doce, 300 braças acima da sua foz, a 8 leguas de Riacho, e a 15 braças da foz do rio Preto; foi primitivamente um quartel. e deu-se-lhe aquelle nome para perpetuar o do Principe Regente depois D. João VI. Os habitantes empregam-se na pesca.

Reis-Magos, comarca ao Norte da provincia, comprehende os municipios de Linhares, Santa Cruz, e Nova-Almeida: antes de 1862 denominava-se de Santa Cruz.

Reis-Magos. V. *Nova-Almeida* (villa).

Reis-Magos, rio no municipio de Nova-Almeida. nasce na serra de Mestre-Alvaro, corre para o Oriente, e rega successivamente Santa-Cruz e Nova-Almeida, lança-se no Oceano na lat. 19° 57' 20" e longitude 42° 39' 54". Sobem por elle sumacas até Nova-Almeida, e d'ahi por diante canôas até 5 leguas, na embocadura fórma um pequeno porto.

Reritiba, *Rerigtiba*, *Reritigba*. V. *Benevente*.

Restingas. ilha na bahia do Espirito Santo a O. da ilha dos Papagaios, e ao Sul da restinga que da ilha do Boi vai para a praia de Suá.

Riacho, povoação na embocadura do rio do mesmo nome, 6 leguas ao Norte de Nova-Almeida, 4 leguas de Santa-Cruz, 8 leguas da Regencia-Augusta; tem uma escola de primeiras letras, e uma capella filial da matriz de Santa-Cruz.

Riacho, ribeiro no districto de Nova Almeida, nasce na lagôa de Aguiar, atravessa o brejo do seu nome, recebe as aguas do rio Comboio, e desagua no Oceano; a barra só admitte grandes canôas que navegam até á aldêa do Campo-do-Riacho; dá passagem em maré vasia.

Riacho, campo na margem do ribeiro do seu nome.

Rico. V. *Corrego-rico*.

Rio-Claro, cachoeira no rio Jucú, perto da sua cabeceira, as aguas n'este lugar são por extremo claras.

Rio-Doce, porto no districto e a 8 leguas da villa de Linhares, formado pelo rio Doce; nas marés grandes tem na preamar

18 palmos de fundo, e na baixamar 8; nas marés pequenas tem na preamar 12 palmos de fundo, e na baixamar 8; este fundo é no cordão da barra que tem 3 a 4 braças de largura, e ás vezes chega a 20 e mais palmos nas marés grandes; fóra do cordão tem mais de 4 braças, e dentro até aos pontaes 3 braças.

Rio-Novo, colonia no districto de Itapemirim e na margem Norte do rio d'este nome, e além do Rio Novo, formada com individuos de differentes nações, que cultivam mantimentos, assucar, café; tem uma escola de primeiras letras.

Rio-Novo, rio no municipio de Itapemirim, nasce na serra e desagua na margem direita do Piuma, por estar obstruido não presta navegação a canôas.

Rio-Pardo, povoação no municipio da Victoria, á margem do rio do seu nome. 10 leguas a Éste da do Alegre; confronta a Éste com o districto de Vianna pela serra do Engano em linha Norte-Sul, e com o de Mangarahi pela continuação da linha tirada da dita serra; ao Oeste com a provincia de Minas Geraes pelo ribeirão José Pedro; ao Norte com o districto de Linhares pela linha divisoria dos municipios da Victoria e Linhares; e ao Sul com o districto do Alegre pela linha de separação dos municipios da Victoria e Itapemirim; é districto de paz. 70 fogos.

Roças-Velhas, dava-se antigamente este nome ao rio Marinho.

S.

Sahi, rio pequeno no districto de Santa Cruz, desagua 1 legua ao Sul do Riacho.

Sal, ilha no rio Doce acima da das Frecheiras, e assim chamada, porque ao chegar a ella perderam uns mineiros porção de sal que levavam para Minas, voltando-se a canôa por ter passado por cima de uma ponta de pedra.

Salgado, povoação antiga nas cabeceiras do Itapemirim que foi arrasada pelos indios bravos.

Salinas, rio no districto de Benevente, braço do rio d'este nome; formam-se n'elle depositos salinos de que se servem os moradores proximos para uso domestico.

Salvador, ilha no bojo que faz o Cariacica em frente do sitio S. Antonio, com casa de vivenda, cultura de café, mantimentos, e arvores fructiferas.

Sambambaia, povoação na estrada de S. Pedro d'Alcantara entre Barcellos e Garrafão.

Sananha, rio no districto de Nova-Almeida. é navegavel para barcos até ¼ legua. e será até 4 leguas, uma vez que se quebrem umas pedras que tem na primeira distancia, para o que não é preciso grande trabalho : canôas grandes vão muito além de 4 leguas ; reune-se ao Fundão nas Duas-Bôcas. e vão assim juntos desaguar no oceano.

Sané, brejo no municipio de Santa Cruz.

Sant'Anna, sertão na villa da Barra de S. Matheus.

Sant'Anna, povoação na margem direita do rio do mesmo nome, districto de S. Matheus.

Sant'Anna. rio que nasce na serra de Itaunas. e engrossado com as aguas do rio S. Domingos, desagua no de S. Matheus 4 leguas abaixo da cidade d'este nome : é navegavel por canôas quasi tres leguas.

Sant'Anna, minas de ouro entre os rios Castello e Corrego-rico.

Santa-Catharina-das-Mós, campo entre a ponta dos Manguinhos e o rio Itabapuana, perto da ponta do Retiro, onde se acham vestigios de antiga povoação e em cima de um cômôro umas mós ; é segundo o direito o limite Sul da provincia do Espirito Santo, mas de que está de posse. pelo direito do mais forte, a provincia do Rio de Janeiro.

Santa Clara, picada que se dirige da cidade de S. Matheus ao ribeiro de Pedras affluente do Mucurí, e se entronca na estrada, que vindo de Santa Clara para Philadelphia. segue d'ahi para Minas Novas onde a encontra a estrada geral do Rio á Bahia ; foi aberta em 1858. a fim de communicar a cidade de S. Matheus á colonia do Mucurí, tem 28 leguas.

Santa Cruz, porto formado pelo rio do seu nome, nas marés grandes tem na preamar 14 palmos de fundo, e na baixamar 7 : nas marés pequenas tem na preamar 10 palmos de fundo, e na baixamar 7, na estação das chuvas augmenta um palmo.

Santa Cruz, antigamente *Aldêa Velha*, rio formado pela juncção dos dous Piraqués, é bastante fundo e largo, a corrente é muito demorada por causa da violencia da maré. que sóbe mais de 4 ½ leguas : a barra é bôa e capaz para entrarem

grandes sumacas, que sobem tres leguas até ao lugar denominado Guambú.

Santa Cruz, antiga comarca que passou a denominar-se dos Reis-Magos.

Santa Cruz, antigamente *Aldêa-Velha*, villa assentada na margem Sul do rio do seu nome, meia legua acima da foz, 3 leguas de Nova-Almeida, e 12 leguas da Victoria. Confronta a Este com o oceano; ao Oeste e Norte com o districto de Linhares pela linha Este Oeste que limitava o termo de Nova-Almeida pelo lado do Norte conforme o tombo de sua creação; ao Sul o de Nova-Almeida pelo rio Preto, desde a sua foz no oceano até encontrar-se com o Beririca, e por este até a sua nascença, e pela linha Este-Oeste d'esta para o sertão comprehendendo todo o territorio ao Norte dos referidos rios e linha. O seu termo divide-se a Este com o oceano; ao Oeste com a provincia de Minas Geraes; ao Norte com o termo de S. Matheus; e ao Sul com o da Victoria. Tem uma fonte denominada—Tanque—704 fogos, 2837 hab. que cultivam café, assucar, mantimentos, e empregam-se no córte de madeiras.

Santa Cruz, ilha no Lameirão.

Santa Cruz, era o 9.° quartel da estrada de S. Pedro d'Alcantara, a 3 leguas de Chaves. e 27 leguas de Vianna.

Santa Isabel, colonia na margem do Jucú, entre este rio e o do Braço do Sul, 1½ legua da villa de Vianna, 4½ leguas da Victoria; formada com familias allemães no principio do anno de 1847 em terreno fertil, montanhoso, cortado de ribeiros, clima saudavel, conta 700 hab. que cultivam café, mantimentos, criam algum gado vaccum e cavallar. Tem uma capella dedicada a S. Bonifacio.

Santa Joanna, rio que nasce na mataria da margem direita do rio Doce em 19° de lat. Sul pouco mais ou menos; desagua na margem direita do rio Doce abaixo da foz do Guandú; no tempo da sêcca é facilmente vadeado.

Santa Leopoldina, colonia na margem do rio de Santa Maria, e pelas margens dos ribeirões de Bragança, Farinha Grande, Farinha Pequeno, e Pardo. distante da Victoria 8 leguas por terra, e 11 leguas por viagem fluvial; os terrenos não são todos igualmente ferteis, de Este-Oeste o solo é mais pobre do que do Norte-Sul; contém 1.016 hab. que cultivam café e mantimentos; foi esta colonia fundada em 1857.

Santa Luzia, morro a Éste do monte Moreno, ao Sul da entrada da bahia do Espirito Santo.

Santa Luzia, ponta de terra na base do morro do mesmo nome.

Santa Luzia, capella na cidade da Victoria, filial da matriz de Nossa Senhora da Victoria.

Santa Maria, rio que nasce na serra geral, e correndo por espaço de 12 leguas no rumo do Norte, lança-se na bahia do Espirito Santo. Dá navegação a canôas até quasi á serra onde está a cachoeira de José Claudio.

Santa Maria, cachoeira no rio Jucú, no municipio de Vianna.

Santa Maria, rio que nasce na mataria da margem direita do rio Doce, onde entra abaixo da foz do rio de Santa Joanna.

Santa Maria, colonia na margem do rio do seu nome entre as cachoeiras Grande e José Claudio.

Santa Rachel, corrego no municipio de Itapemirim, desagua no ribeirão Páo d'Alho.

Santa Theresa, vulgarmente do *Cuieté;* estrada destinada a estabelecer a communicação da provincia do Espirito Santo com a de Minas Geraes; parte do municipio da Serra a buscar a direcção da pedra do Urubú, no ponto da Natividade, limite entre as duas provincias; tem pouco mais ou menos 23 leguas de extensão, é estreita, e só serve para cavalleiros e viandantes.

Santo Agostinho, rio que nasce na serra geral ao Norte da estrada de S. Pedro d'Alcantara, a qual atravessa, e depois de servir de limite ao districto de Vianna, se lança junto com o Itaquari no Jucú pela margem esquerda.

Santo Agostinho, sertão que se rompeu em 1813, para se estabelecer a povoação hoje villa de Vianna.

Santo Antonio, corrego no municipio de Itapemirim, desagua no ribeirão Páo d'Alho.

Santo Antonio, ponta de terra na bahia do Espirito Santo.

Santo Antonio, nome primitivo da ilha que depois se chamou Duarte-Lemos, e em que está assentada a cidade da Victoria.

Santo Antonio, lagôa na margem esquerda do rio Doce, onde desagua; fica acima da Terra-Alta.

Santo Ignacio, forte levantado em 1726 para defender a cidade da Victoria,

Santo Ignacio, rio que nasce em lugar desconhecido, e depois de cortar a estrada de Vianna a Ourem, lança-se pela margem direita no rio Santo Agostinho.

S. Benedicto, capella na cidade de S. Matheus.

S. Borombom, ribeiro que desagua na bahia do Espirito Santo.

S. Caetano, corrego no municipio de Itapemirim, desagua no ribeirão Páo d'Alho.

S. Diogo, forte levantado em 1726 para defesa da cidade da Victoria.

S. Domingos, rio no districto da Barra de S. Matheus, nasce na serra dos Aimorés, e descarrega as suas aguas no rio Santa Anna, o qual entra no de S. Matheus.

S. Francisco Xavier, antigamente *Piratininga*, fortaleza entre a villa do Espirito Santo e o monte Moreno, ou melhor entre a ponta Acharia e o rio da Costa, na margem Sul da bahia do Espirito Santo, e na base do morro da Penha; serve para tomar o registo das embarcações que entram na bahia do Espirito Santo; é guarnecida com 5 praças e um official inferior.

S. João, fortaleza na margem Norte da bahia do Espirito Santo, e na garganta que faz entre a mesma fortaleza e o Pão d'Assucar, com uma bateria sobre o morro junto á mesma fortaleza que se fez em 1808, e o reducto do cume do morro no tempo dos Filippes.

S. João, serra distante do quartel de Monforte 1 legua, por onde passa a estrada de S. Pedro d'Alcantara, o seu cume está a ½ legua da base.

S. João, rio que nasce em sertão não explorado, e desagua na margem esquerda do rio Doce na colonia Francilvania.

S. João de Carapina. V. Carapina.

S. João Nepomuceno, povoação na estrada de S. Pedro d'Alcantara, entre a povoação d'este nome (antigo aldeamento Imperial Affonsino) e a povoação de Barcellos.

S. Joaquim, riacho no districto de S. Matheus, cursa entre este rio e o de Itauna, foi aproveitado para dar sahida pelo canal de Itauna á navegação do rio Itauna pela barra do

S. Matheus, por dasaguar na margem esquerda d'este rio e perto da sua foz.

S. José, povoação nas vertentes do Itabapuana, municipio de Itapemirim.

S. José do Calçado, ou simplesmente *Calçado*. districto de paz no municipio de Itapemirim.

S. José do Queimado. V. *Queimado*.

S. José de Cariacica. V. *Cariacica*.

S. Matheus, comarca que fica no limite Norte da provincia do Espirito Santo, comprehende a cidade do seu nome. e a villa da Barra de S. Matheus.

S. Matheus, porto formado pelo rio do seu nome e o mar, serve não só para a villa da Barra de S. Matheus como para a cidade de S. Matheus. Nas marés grandes tem na preamar 12 palmos de fundo, e na baixamar 4: nas marés pequenas tem na preamar 8 palmos de fundo, e na baixamar 4 ½. Nas marés de Março e Agosto a agua sóbe mais dous palmos. A barra só se póde demandar nas marés altas.

S. Matheus, antigamente *Cricaré*. *Quiricaré*, rio que nasce na serra dos Aimorés, recolhe pela margem esquerda perto de suas cabeceiras o ribeiro Cotaché, e depois de haver atravessado do Poente para o Nascente toda a provincia fazendo muitas voltas, rega a cidade do seu nome, e 4 leguas abaixo d'ella recolhe o rio de Sant'Anna, e vai lançar-se no oceano perto da villa da Barra de S. Matheus, e a 10 leguas ao Norte do rio Doce; seu leito é largo e profundo. Navegam até 10 leguas, duas além da cidade do seu nome, barcos que demandam 10 palmos d'agua, e até a dita cidade os que demandam 8; para uma e outra navegação, é necessario que a maré esteja em preamar; por canôas grandes de carga, é navegavel até 15 leguas da barra. sendo necessario que a maré esteja de preamar para avançar-se além de 12 ½ leguas, por causa de um baixio que ahi existe: para canôas pequenas, e sem carga. é navegavel 25 leguas.

S. Matheus, cidade sobre a margem direita do rio do seu nome, a 8 leguas do mar, e da villa da Barra de S. Matheus, 28 leguas ao Norte da foz do rio Doce: situada grande parte sobre um monte, rodeada de pantanos e paúes: divide-se do districto da Barra de S. Matheus pelo riacho da Pedra d'Agua abaixo, pertencendo-lhe o territorio que fica a Oeste do dito

riacho ; o seu termo confronta a Éste com o oceano ; ao Oeste com a provincia de Minas-Geraes pela serra dos Aimorés ; divide-se do termo de Santa-Cruz pela Barra-Secca no litoral ; quanto ao centro está indefinido. As terras são ferteis ; 524 fogos, 3.602 hab. que cultivam café, canna d'assucar, mantimentos ; a principal cultura é a da mandioca de que fabricam grande quantidade de farinha, tem uma aula de latim, e escolas de primeiras letras para ambos os sexos ; 3 olarias de telha e tijolo, uma serraria movida por agua, uma igreja matriz, e uma capella da invocação de S. Benedicto.

S. Matheus, nome dos pontaes Norte e Sul da embocadura do rio do seu nome.

S. Miguel, rio na freguezia do Queimado, nasce na serra meridional do rio Santa Maria, e n'este desagua pela margem direita.

S. Miguel, povoação na freguezia do Queimado, na margem do rio do mesmo nome.

S. Pedro d'Alcantara, primitivamente *Imperial Affonsino*, povoação na estrada de S. Pedro d'Alcantara começada por um aldeamento de indios puris.

S. Pedro d'Alcantara, vulgarmente *estrada de Rubim* ; estrada que segue de Porto Velho ou Itacibá a Vianna, e d'ahi acompanhando mais ou menos afastado o curso do rio Jucú, vai entrar na provincia de Minas Geraes na freguezia de Abre-Campo : apesar de ter sido aberta com bastante largura, hoje só serve para viandantes e tropas ; tem mais de 70 leguas.

S. Raphael, rio que nasce no sertão, e desagua na lagôa Juparanã.

S. Sebastião de Itauna. V. *Itauna* (freguezia).

S. Thiago, rio que nasce na serra geral, e desagua na margem esquerda do Itabapuana, na parte em que este rio tem o nome de Preto.

Serpa, povoação entre as vertentes dos rios Pardo e de Santa Maria, sobre a estrada que da cachoeira d'este rio vai á de S. Pedro d'Alcantara ; foi originariamente um quartel.

Serra, (Nossa Senhora da Conceição) villa por baixo do morro Mestre-Alvaro, 5 leguas ao Norte da Victoria. Divide-se a Éste com o oceano ; a Oeste com o districto do Queimado pelo rio Tanguí, porto do Una, seguindo a margem do brejal até á ponte do mesmo nome, depois em linha recta até á es-

trada de S. João comprehendendo Itapocú e Caioaba, e com Linhares sem limite definido; ao Norte com o de Nova-Almeida pela foz do rio Jacarahipe até ao lugar denominado Pedra do Belchior, e d'ahi pelo corrego que desagua na barra do rio Calogi, e d'este pelo rio Timbohi ao braço do Norte a encontrar a estrada de Santa Theresa até o centro, e ao Sul com o de Carapina pelo rio Manguinhos no litoral, e d'ahi por uma linha tirada á malha branca do Mestre Alvaro d'onde segue ao porto do Una, e depois ao rio Tanguí até á sua foz no rio de Santa Maria. O seu termo confronta a Este com o oceano, ao Sul com o termo da Victoria; ao Norte com o de Santa Cruz: e ao Oeste com parte do territorio de ambos estes termos. Com o da Victoria pelo rio Manguinhos no litoral e d'ahi em linha recta á malha branca do Mestre Alvaro, d'ahi ao porto do Una, seguindo depois ao Tanguí até á sua barra no rio Santa Maria, d'ahi em diante separa-se do termo da capital pelo rio Santa Maria, e com o termo de Santa Cruz pela foz do rio Jacarahipe até ao lugar Pedra do Belchior, e d'ahi pelo corrego que desagua na barra do rio Calogi, d'este pelo rio Timbohi ao braço do Norte a encontrar a estrada de Santa Theresa até o centro. Tem uma escola de latim: 419 fogos, 2.524 hab. e todo o termo em que se comprehende a freguezia do Queimado 927 fogos, 5.716 hab., cult. café, assucar, mantimentos.

Simão, ilha no rio Doce perto de Linhares, que tomou o nome do primeiro individuo que n'ella cultivou.

Siqueira, corrego no municipio de Vianna.

Sousa, quartel e porto na margem Sul do rio Doce, 2 leguas abaixo da foz do Guandú, e limite n'este ponto entre a provincia do Espirito Santo e a de Minas Geraes, a 32 leguas da foz do rio Doce.

Sousa, pequena serra perto do porto do seu nome, é pelo espigão d'ella que passa a linha divisoria da provincia do Espirito Santo com a de Minas Geraes.

Souzel, quartel na estrada de S. Pedro d'Alcantara a 3 leguas de Monforte.

Suá, ponta de terra na margem Norte da bahia do Espirito Santo, proxima da ponta de Bento Ferreira.

Suá, praia no municipio da Victoria, fica entre a embocadura do Maruhipe e a ponta do seu nome.

Suaçû, ilha ao Norte e na embocadura do rio Maruhipe.

Suja, praia na embocadura do rio Doce.

Surucucú, rio que atravessa a estrada de S. Pedro d'Alcantara entre Bragança e Pinhel, corre para o Norte, e desagua no de San'a Maria.

Sururûs, ilha na bahia do Espirito Santo proxima á ilha Pequena.

T.

Tubucû, rio pequeno.

Tagano, ponta de terra na base do monte Moreno.

Taicis, corda de arrecifes, começam em uma ilhota ao Norte da ilha dos Frades, e vão terminar na extremidade Éste da praia de Maruhipe.

Tanyui, rio no districto de Carapina, desagua no porto do Espiri'o Santo, é navegavel por canôas.

Tapada, lagôa entre o rio Doce e o de S. Matheus, comprida, estreita, e piscosa.

Tapada, rio no districto de S. Matheus, é navegavel.

Topuan, rio, desagua no Piuma 2 leguas acima da foz.

Taputera, ilhota na embocadura do rio Itapemirim.

Taquaraçu, rio pequeno nasce na serra Batatal, e desagua na margem esquerda do Benevente.

Taquaras, morro por onde passa a estrada de S. Pedro d'Alcantara.

Taquarauaçu. V. *Fundão*.

Tati, ilhota na entrada da bahia do Espirito Santo entre a ponta do Tagano e a de Santa Luzia.

Tatuaçu, povoação no municipio da Serra, tem uma escola de primeiras letras.

Tauá, rio que divide a freguezia de Cariacica da do Queimado, desagua na margem direita do rio de San'a Maria.

Taubira, rio encachoeirado no sertão de Nova Almeida.

Telha, ilha no rio Doce pouco acima da foz do Cascalho, assim chamado por ter voltado ao pé d'ella uma canôa que levava telhas para o quartel de Sousa.

Teriricas, ribeirão que atravessa a es'rada de S. Pedro d'Alcantara entre os quarteis de Borba e Melgaço.

Terra-Alta, corrego que fórma uma lagôa do mesmo nome,

desagua no rio Doce; corre dentro da sesmaria de José Ignacia d'Almeida.

Timbohi, ou *Rio-Novo*, rio no districto de Nova-Almeida.

Timbohi, quartel na margem direita do rio do seu nome.

Tira-Chiada, rio no districto de S. Matheus.

Tramerim, rio que desagua na margem esquerda.

Tres-Ilhas-do-Sul, grupo de mais de seis ilhas no rio Doce, divididas por pequenos canaes, defronte da ilha de Domingos de Sousa, a maior d'ellas chama-se Coimbra.

Trincheiras, rio nos limites da freguezia de Cariacica com a de Nossa Senhora da Conceição de Vianna.

Tubarão, ponta do lado do Norte da entrada da bahia do Espirito Santo, guarnecida de rochedos.

U.

Uaca, rio que desagua na margem direita do rio de Santa Maria.

Una, povoação a $\frac{1}{4}$ legua e no districto de Guaraparim, os seus habitantes empregam-se na pesca.

Una, rio no districto de Guaraparim; deriva-se dos declives boreaes da serra d'este nome, e vai desembocar no mar 2 leguas ao Norte da villa de Guaraparim; dá navegação a canôas em grande parte do seu curso.

Una, canal no districto da villa da Serra, parte do Lameirão, atravessa todo o brejal do Una até á ponte do mesmo nome junto a Guaranhum; foi emprehendido para evitar os perigos da navegação pelo Lameirão onde o vento Sul faz virar as canôas.

Una, porto no districto da Serra.

Una, rio que desagua na margem direita do rio Santa Maria.

Una-de-Santa-Maria, povoação no municipio da Victoria; tem um escola de instrucção primaria.

Urubú, grande pedra no ponto da Natividade do rio Doce, limite entre a provincia do Espirito Santo e a de Minas Geraes.

Urubús, ilha na bahia do Espirito Santo á entrada do sacco do Jucutucoara.

V.

Val-das-Eguas, ponta de terra na margem Sul da bahia do Espirito Santo. vem a ser a extremidade Oeste da praia das Formosas.

Valentim-Nunes, nome primitivo da ilha do Boi.

Vallão-Lancha, sitio perto da villa de Itapemirim.

Veado, rio pequeno que desagua na margem esquerda do rio S.-Thiago.

Verde, lagôa na margem direita do rio Doce pouco acima do Páo-Gigante.

Vianna, villa a 14 leguas Noroeste da cidade da Victoria. Confronta a Éste com o districto da villa do Espirito Santo pela valla de Camboapina em rumo Norte-Sul até ao sertão das Palmeiras, e com o de Cariacica pelo rio Itaquari até á sua foz no rio Marinha; ao Oeste com o do Rio Pardo pela serra do Engano em linha Norte Sul; ao Norte com o de Mangarahi sem que se tenha fixado o limite; ao Sul com o de Guaraparim sem que se tenha fixado o limite. Existem dentro da sua freguezia que tem a invocação de Nossa Senhora da Conceição, além da igreja de Santa Isabel na colonia d'este nome, 3 capellas, 1 na fazenda de Araçatiba, outra na de Belém, e outra na fazenda de José Freire de Andrade, todas filiaes da referida matriz. 396 fogos, 3.502 habitantes que cultivam café e mantimentos.

Vianna, quartel no morro Ilha-Grande, foi n'este lugar que se assentou o primeiro marco da estrada de S. Pedro d'Alcantara.

Viçosa, ribeirão que nasce na mataria da margem Norte da estrada de S. Pedro d'Alcantara, a qual atravessa, e vai desaguar na margem esquerda do rio do Castello.

Victoria, comarca central da provincia do Espirito Santo, comprehende os districtos da cidade do seu nome, e das villas Nova-Almeida, Conceição da Serra, Espirito Santo, e Vianna.

Victoria, cidade, capital da provincia do Espirito Santo, situada em amphitheatro sobre o lado occidental de uma ilha ou lisiria, formada pelo rio Santa Maria, que se perde no canal que a separa do continente do lado do Sul, e por uns paúes, que se communicam com o mesmo rio Santa Maria, levando tambem aguas á bahia mais ao Norte. O canal é de

1 ½ milha de largura, e fórma um bom porto para embarcações pequenas. A ilha ou lesiria terá 4 a 5 leguas de circuito, é alta; a um terço de legua Éste do meridiano da cidade apparece um grande rochedo conico—Pão-d'Assucar—que póde servir de guia para governar para o porto logo que se tenha dobrado o monte Moreno. Pelo Norte divide-se com o districto da Serra pelo rio Manguinhos d'onde em linha recta segue á Malha-Branca do Mestre Alvaro, e d'ahi ao porto do Una, seguindo depois o rio Tangui a'é sua barra no de Santa Maria; pelo Sul divide-se com o do Espirito Santo pela bahia d'este nome, rio Marinho até Caçaroca, e pela valla Camboapina em rumo de Norte-Sul até ao sertão de Palmeiras. Pelo centro divide-se com Itapemirim pelo aldeamen'o Imperial Affonsino. O palacio da presidencia, antigo collegio dos jesuitas, é um bom edificio; n'elle funccionam a secretaria da presidencia, lyceu, thesouraria da fazenda, administração do correio, armazem de artigos bellicos, bibliotheca publica, uma escola de primeiras letras, e o quartel de pedestres. Tem a cidade uma casa de misericordia com hospital separado para os enfermos pobres; dous conventos de franciscanos; uma typographia; um theatro; uma sala de baile; 4 chafarizes; uma matriz, 12 capellas filiaes; 4 praças, 370 sobrados, 731 casas terreas, 3.800 habitantes; o seu termo tem 2.579 fogos, e 15.267 hab.

Villa-Velha, nome que se dá frequentemente á villa do Espirito Santo.

Villa-do-Principe, antigamente *Prepetinga*, ultimo quartel da estrada de S. Pedro d'Alcantara, e na divisa com a provincia de Minas Geraes.

Villa-Viçosa, era o 5.º quartel da estrada de S. Pedro d'Alcantara.

Viuva, ilhéu na bahia do Espirito Santo.

X.

Xapinanga, na carta da provincia organisada pelo capitão de engenheiros Pedro Torquato Xavier de Brito, publicada em 1854, dá-se este nome ao rio de Santa Maria.